



Por uma educação baseada na natureza.

Práticas pedagógicas que inspiram e
promovem cuidados com o planeta

Iniciativa:



Parceria institucional e de implementação:



Parceria estratégica:



Realização

Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF

Representante do UNICEF no Brasil: Joaquin Gonzalez-Aleman

Representante-adjunta do UNICEF no Brasil: Layla Saad

Chefe de Educação do UNICEF no Brasil: Mônica Rodrigues Pinto

www.unicef.org/brazil

Parceria de implementação

Instituto Alana

Conteúdo

Instituto Alana

Machamba Consultoria e Comunicação: Jordânia Furbino; Simone França.

Doxa Conteúdo

Revisão

Machamba Consultoria e Comunicação: Jordânia Furbino; Simone França.

Oficial de Educação e Proteção do UNICEF no Brasil: Ana Carolina Silveira

Especialista em Educação Infantil do UNICEF no Brasil: Carolina Velho

Oficial de Educação do UNICEF no Brasil: Erondina Silva

Gabriela Ribeiro Arakaki (Instituto Alana)

Arianne Brianezi (Instituto Alana)

Projeto gráfico e diagramação

Thômaz Souza

Este material foi desenvolvido no âmbito da parceria estratégica com a Neoenergia por meio do Programa de Eficiência Energética da ANEEL.

Orientações para reprodução de conteúdo: o UNICEF incentiva o uso de seus estudos, pesquisas e relatórios para fins educacionais e informativos, mas todas as publicações da organização estão protegidas por leis e regulamentos de direitos autorais. Os conteúdos podem ser reproduzidos para fins não comerciais, por organizações governamentais e não governamentais, instituições educacionais e de pesquisa e indivíduos que trabalham sem fins lucrativos, desde que citando os créditos do UNICEF.

Julho de 2026

Sumário

Mobilizar, reconhecer e inspirar

4

Práticas transformadoras | Conheça as iniciativas finalistas

Distrito Federal

7

Biomonitoramento dos córregos da ARIE Granja do Ipê utilizando macroinvertebrados bentônicos	8
Gincana da sustentabilidade	10
Água para saber, saber para água ter: um manual prático sobre preservação hídrica	12
Escola Classe Paraná: uma escola sustentável	14
Águas de Brasília	16
Do solo à sustentabilidade: benefícios do gel biodegradável para a agricultura de Brazlândia	18
Água: de contaminada a potável com a energia solar	20
Na trilha do córrego: um olhar ambiental e educativo às margens do Riacho Fundo	22
EC12 como ecossistema sustentável: educação climática, agrofloresta e energias renováveis na construção de uma escola pública autossustentável	24

Recife (PE)

26

Recife: Cidade do Mangue	27
Plantar o amor, semear alegria e colher o futuro	29
Cores e sabores da aldeia: experiências com a natureza e Educação Climática na Primeira Infância	31
Recife Alerta	33
Raízes e descobertas: cheiro, cores e texturas do nosso quintal!	35
Raízes no ar, saberes na terra: hortas suspensas como estratégia sustentável e criativa de aprendizagem	37
"Esse suco é de quê?" Uma investigação das crianças sobre frutas, sabores e sementes	39
BioEscola 360º: a ciência que nasce do solo e transforma a comunidade	41
Que horta! Cultivando saberes e semeando histórias	43

Sumário

Rio Grande do Norte	45
Saúde ambiental: impactos dos agrotóxicos e alternativas sustentáveis	46
Pomar escolar e espaço de plantas nativas no CAIC – Abolição IV	48
Rio Apodi: laços que conectam, histórias que fluem	50
Mapa do lixo – Rua da Palha	52
Alagamento: problemática do lixo nas ruas	54
A vegetação do Nordeste e as músicas de Luiz Gonzaga	56
Concretizando saberes: a horta sustentável como estratégia de desemparedamento	58
Velas que iluminam	60
Solo forte, mãe segura	62

Salvador (BA)	64
Educação integral em movimento: o parque naturalizado	65
Gota de futuro: a jornada da água e do verde	67
Criança e natureza: promovendo uma infância amiga do planeta	69
Quem sou eu brincando no chão de Salvador?	71
Tempo, tempo, tempo: histórias que nos formam, ciclos que nos transformam!	73
Guardiões mirins do clima: pequenos protetores do meio ambiente	75
Educação é natureza: conhecer para ser, viver e agir melhor!	77
Horta: o quintal dos sentidos	79
Mini COP 30	81

Resultados e aprendizados	83
----------------------------------	-----------

Mobilizar, reconhecer e inspirar

A escola tem um papel central na adaptação e mitigação à crise climática e na reconexão de bebês, crianças e adolescentes com a natureza. Para tanto, precisa transformar seus espaços, currículos e práticas pedagógicas, incluindo a natureza como elemento educador. A partir desse e de outros pressupostos, o UNICEF fomenta o fortalecimento de uma Educação Baseada na Natureza (EBN) e convida professores(as) e profissionais de gestão das unidades educacionais e das secretarias a serem parte ativa do enfrentamento à crise climática.

Essa concepção reconhece que o contato cotidiano com o ambiente natural desperta a curiosidade, amplia os sentidos, fortalece o pensamento crítico e promove vínculos afetivos que sustentam o cuidado com o planeta. Aprender com, na e sobre a natureza é compreender que o corpo, o território e os ciclos da vida são dimensões legítimas do processo educativo, fundamentais para o desenvolvimento integral – físico, emocional, social, cognitivo e cultural – de bebês, crianças e adolescentes.

A EBN também se fundamenta em pressupostos como o protagonismo de cada participante, a valorização da diversidade e dos saberes dos territórios, o contato direto com a natureza, a ampliação dos espaços de aprendizagem, a interdisciplinaridade e o compromisso com uma educação climática crítica e transformadora.

Para pautar temas como mudanças climáticas, eficiência energética, gestão de resíduos sólidos e água, e mobilizar e inspirar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integrem o contato com a natureza e a educação climática no cotidiano das escolas e que fortaleça o papel comunitário na construção de territórios mais sustentáveis e resilientes, o UNICEF lançou o edital *#EntreNoClima: Educação Baseada na Natureza*, com apoio da Neoenergia, por meio dos Programas de Eficiência Energética das distribuidoras Neoenergia Brasília, Neoenergia Coelba, Neoenergia Pernambuco e Neoenergia Cosern, regulados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), e com a parceria institucional e de implementação do Instituto Alana.

A iniciativa foi aberta a escolas públicas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Distrito Federal, de Recife (PE), do Rio Grande do Norte e de Salvador (BA) e resultou no reconhecimento de 36 práticas pedagógicas inspiradoras. Dentre essas, 12 foram premiadas com o fornecimento de sistemas solares fotovoltaicos e com a exposição dos projetos em um evento presencial promovido pelo UNICEF e seus parceiros.

As 149 experiências inscritas no edital demonstram a capacidade de adaptação, a criatividade, a resiliência e o potencial mobilizador das escolas ao concretizar propostas capazes de articular todas essas temáticas e fortalecer o vínculo das crianças e adolescentes com a natureza. As equipes pedagógicas exploraram outros espaços e novas estratégias de aprendizagem, possibilitando a ampliação de vivências que contribuem para o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades de cada participante.

Esta publicação reúne as 36 propostas pedagógicas finalistas, que mais do que projetos sobre educação ambiental, evidenciam experiências de adaptação climática já incorporadas à rotina escolar. As iniciativas expressam, de diferentes formas, os pressupostos da Educação Baseada na Natureza, que foram traduzidos nos critérios de avaliação do edital. Demonstram muitas maneiras de promover, com intencionalidade, o envolvimento de bebês, crianças, adolescentes, comunidade escolar e famílias em ações que fortalecem a relação com a natureza e ampliam a consciência de responsabilidade com o ambiente e com o clima.

Que esta leitura inspire o fortalecimento dessas práticas pedagógicas e o surgimento de novas iniciativas, expandindo as redes que já atuam de forma significativa no enfrentamento da crise climática e na promoção de uma educação conectada com a natureza, que ensina por meio da experiência direta, do brincar e da convivência, ampliando as oportunidades de aprendizagens significativas.



PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

Distrito Federal

No Distrito Federal, foram inscritas 32 iniciativas, sendo 03 da Educação Infantil, 16 dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e 13 dos Anos Finais. Os temas predominantes foram água (90,6%), mudanças climáticas (75%), gestão de resíduos (50%) e eficiência energética (31,3%). O conjunto de iniciativas inscritas evidencia uma rede de educadores(as) comprometidos(as) em transformar o Cerrado e os diferentes territórios do Distrito Federal em espaços de investigação, pertencimento e aprendizagem. Parques, áreas de conservação, nascentes, hortas, jardins, espaços públicos e o patrimônio natural do Cerrado tornam-se contextos vivos para fortalecer a relação entre escola e território, valorizar a biodiversidade e a ciência cidadã. As iniciativas premiadas, reunidas nesta publicação, representam possibilidades de construir uma Educação Baseada na Natureza a partir da realidade e identidade cerratense do Distrito Federal, fortalecendo a relação entre escola, natureza e comunidade.

Biomonitoramento dos córregos da ARIE Granja do Ipê utilizando macroinvertebrados bentônicos

📍 Brasília (DF)

Escola: CED Agrourbano Ipê Riacho Fundo

Proponente: Jayro Santos de Lana

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 5

Temas trabalhados: Água e Mudanças Climáticas

ODS:



[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Nunca aprendi tanto dentro da sala. Aqui eu sinto a água, vejo os bichos, escuto o rio. Isso não sai mais da minha cabeça.

Fala de um(a) estudante após trabalho de campo no córrego.



A iniciativa

Cinco estudantes do Ensino Fundamental se tornaram pesquisadores(as) do próprio território ao monitorar os córregos Capão Preto e Ipê, na ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico) Granja do Ipê, na Bacia do Lago Paranoá, na periferia de Brasília (DF). Usando macroinvertebrados bentônicos, organismos aquáticos extremamente sensíveis à poluição, eles(as) puderam

avaliar a qualidade da água e ler a saúde do ambiente. Na iniciativa que integrou pesquisa científica, trabalho de campo e participação comunitária, os(as) estudantes definiram pontos de coleta, realizaram o monitoramento, identificaram macroinvertebrados e calcularam o Índice de Qualidade Biológica (BMWP'). O projeto também promoveu reflexões sobre mudanças climáticas, conservação dos recursos hídricos e restauração ambiental.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

O diferencial da iniciativa está na combinação de rigor científico com protagonismo juvenil. Ao realizar trabalho de campo nos córregos, os(as) estudantes utilizaram GPS, a plataforma Map-Biomias e uma Caixa de Areia Inteligente, além de registrar dados, identificar organismos observados no córrego e apresentar os resultados à comunidade. Os(as) jovens pesquisadores(as) plantaram espécies nativas do Cerrado em Áreas de Preservação Permanente (APPs), construíram barreiras vivas com galhadas para conter a erosão e auxiliar na recuperação das margens dos córregos e das áreas degradadas, e atuaram na proteção de nascentes. Todas as atividades ocorreram em contato direto com a natureza, transformando os córregos e a mata ciliar em espaços de aprendizagem. A proposta também se destacou pela inclusão e pela valorização dos saberes de alunos(as) de áreas rurais, pela equidade de gênero e pelo uso de diferentes linguagens, como desenhos, vídeos, poemas e músicas. E incorporou relatos de moradores(as) sobre as transformações dos córregos e a perda de nascentes ao longo do tempo. As metodologias adotadas têm potencial de replicabilidade em outras escolas.

Resultados e aprendizados

Para surpresa geral, o biomonitoramento realizado resultou em um índice BMWP' de 60 pontos, classificando a qualidade da água dos córregos como excelente. Ao mesmo tempo, a comparação entre os pontos monitorados mostrou que áreas próximas à ocupação urbana apresentavam menor presença de organismos sensíveis, indicando sinais de pressão ambiental. Esse conhecimento foi compartilhado com a comunidade na feira científica, onde moradores(as) puderam observar de perto os macroinvertebrados com lupas. Eles(as) relataram nunca terem visto “os bichinhos do fundo do córrego”, e muitos se comprometeram a não jogar lixo nos cursos d'água. O projeto também produziu um manual ilustrado de bolso e formou estudantes multiplicadores(as), que levaram a proposta para outras duas escolas.

Gincana da sustentabilidade

Brasília (DF)

Escola: Projeto Integral de Vida - Pró-Vida

Proponente: Samantha Leite Santos

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 204

Temas trabalhados: Água, Eficiência Energética, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação.

Conheça mais sobre o projeto aqui



As crianças puderam compreender, a partir do que veem e vivem no próprio território, que o lixo descartado incorretamente percorre caminhos que chegam até o córrego, contaminando a água e afetando a vida de toda a comunidade.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Às margens do Córrego Estiva, na zona rural do Distrito Federal, o Centro de Educação Infantil (CEI) transformou a degradação de um recurso hídrico do local, que antes havia sido um espaço de lazer da comunidade, na base para o projeto. Para a Gincana da sustentabilidade escolheram desenvolver os temas gestão de resíduos e água, definição fundamentada na realidade do território diretamente conectada ao cotidiano dos(as) estudantes. Ao longo de um semestre, o projeto mobilizou 204 crianças e suas famílias na coleta de latinhas, garrafas PET e tampinhas, incentivando o

cuidado com o território e com a água. A proposta uniu educação climática, participação coletiva e cotidiano escolar. Cada resíduo separado se tornou oportunidade para discutir preservação ambiental, sustentabilidade e pertencimento, aproximando as crianças da realidade do lugar onde vivem e fortalecendo vínculos entre a unidade de educação, famílias e comunidade.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

A partir da observação da degradação do Córrego Estiva, que as crianças veem diariamente e que visitaram durante o projeto, foi possível envolver as famílias como corresponsáveis da Gincana da sustentabilidade e transformar a ação em uma iniciativa coletiva entre o CEI e a comunidade. As famílias se envolveram, mobilizando vizinhos(as) e parentes para colaborar com a coleta. Já as crianças puderam participar na cocriação das regras da gincana, ajudando a definir os materiais coletados, acompanhando semanalmente o volume acumulado de recicláveis e participando das decisões sobre organização e armazenamento dos resíduos. Elas também decidiram o destino do dinheiro arrecadado com a venda dos materiais, que foi um passeio ao cinema, celebrado como conquista de todos(as). O CEI, que já é abastecido com energia gerada por placas solares, tornou-se um modelo vivo de sustentabilidade ao incluir também a separação de resíduos nas salas, compostagem e horta pedagógica, na qual a matéria orgânica vira adubo. As crianças puderam compreender, a partir de suas vivências no território, que o lixo descartado incorretamente percorre caminhos que chegam até o córrego, contaminando a água e afetando a vida de toda a comunidade.

Resultados e aprendizados

A iniciativa mostrou que a educação ambiental na primeira infância ganha mais força quando parte da experiência concreta das crianças, envolvendo território, cotidiano e participação das famílias. Mais do que ensinar sobre resíduos e preservação, o projeto incentivou mudanças de hábitos dentro e fora da unidade de educação. A equipe do CEI ouviu relatos de famílias dizendo que as crianças já não permitiam que ninguém jogasse lixo no lugar errado. A localização rural da unidade também permitiu trabalhar de forma concreta a relação entre o descarte irregular de resíduos e o impacto direto sobre os recursos hídricos locais. A gincana recebeu o Prêmio Instituto Arapoti pelo destaque na implantação da coleta seletiva. E para muitas crianças, o passeio ao cinema foi a primeira experiência nesse espaço cultural e uma conquista do esforço coletivo. A iniciativa ainda contou com parceiros, como o Sesc, com o oceanário e planetário, a ADASA na escola, o Sicoob e outros.

Água para saber, saber para água ter: um manual prático sobre preservação hídrica

 Sobradinho (DF)

Escola: Escola Classe 04 de Sobradinho

Proponente: Vanessa de Jesus Queiroz

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 28

Temas trabalhados: Água e Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente e gestão escolar

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Ao transformarem conceitos complexos em dicas para o dia a dia, contidas no manual-tabuleiro, as crianças atuaram como agentes de divulgação científica.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto propôs a construção de um manual ilustrado em formato de tabuleiro para divulgar informações sobre a preservação da água de forma lúdica e acessível. Com participação de estudantes do 2º e 3º anos, a ação articulou pesquisa, observação do território, análise de dados, entrevistas e rodas de conversa, com o objetivo de fortalecer a autonomia estudantil e promover

a divulgação científica em uma linguagem compreensível, aproximando-a da sociedade. Com a iniciativa, a escola também promoveu experiências de brincar e aprender com e na natureza, mostrando que crianças dos anos iniciais também podem pesquisar, questionar dados e produzir conhecimento científico acessível a diferentes públicos.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

O manual-tabuleiro, com instruções sobre preservação hídrica, nasceu de uma sugestão das próprias crianças. Ao longo das discussões, elas manifestaram preferência por jogos e brincadeiras como formas de aprendizagem. A partir dessa percepção, surgiu a ideia de transformar informações científicas e conhecimentos sobre preservação da água em um jogo educativo. O percurso metodológico compreendeu pesquisas e análises de diferentes fontes e materiais, como vídeos sobre captação de água, jornais, gibis e dados de órgãos como Adasa, CAESB, ONU e IBGE. Também incluiu a observação dos espaços da escola, das casas, dos quintais das crianças, além da realização de entrevistas. As meninas e os meninos também produziram uma exposição de desenhos científicos e artísticos sobre a fauna do Lago Paranoá e das espécies nativas do Cerrado. A iniciativa articulou diversos componentes curriculares e promoveu reflexões sobre sustentabilidade, saúde, saneamento, desigualdades sociais e mudanças climáticas, valorizando os saberes do território ao incorporar práticas familiares relacionadas ao reaproveitamento da água e ao combate à dengue.

Resultados e aprendizados

O resultado de maior visibilidade foi o prêmio do 14º Circuito de Ciências do Distrito Federal, no qual os(as) estudantes atuaram como mediadores(as) do conhecimento, explicando o tabuleiro e incentivando os(as) visitantes a replicar a prática. A experiência reforçou a compreensão de que crianças podem atuar como pesquisadores(as), autores(as) e divulgadores(as) científicas, contribuindo para a conscientização de diferentes públicos. O projeto também evidenciou a importância de democratizar informações científicas, combater notícias falsas e aproximar escola e comunidade. Entre os aprendizados destacados está a percepção de que a água deve ser compreendida não apenas como recurso de consumo, mas como direito humano, bem coletivo e elemento essencial para a saúde, a dignidade e a preservação da vida. O material produzido continua sendo utilizado por outras turmas da escola como recurso pedagógico complementar.

Escola Classe Paraná: uma escola sustentável

Brasília (DF)

Escola: Escola Classe Paraná

Proponente: Wellington de Oliveira Soares

Etapa de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 400

Temas trabalhados: Água, Eficiência Energética, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): equipe docente, gestão e coordenação escolar

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



As ações foram planejadas para que crianças e estudantes aprendessem com, na e a partir da natureza, utilizando pátio e entorno como extensões da sala de aula.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Com 400 estudantes e inserida em uma comunidade na qual 66,5% das famílias vivem com até dois salários mínimos, a Escola Classe Paraná desenvolveu um modelo integrado de sustentabilidade escolar como estratégia para enfrentar desafios socioambientais identificados no território, especialmente o aumento da geração de resíduos e a fragilidade das práticas de edu-

cação ambiental. A partir da observação crítica dessas questões, a iniciativa articula o currículo a ações concretas, como coleta seletiva, biodigestor, horta, passeatas pedagógicas e vivências ao ar livre. Para isso, os(as) próprios(as) estudantes participaram da separação e pesagem dos resíduos, propuseram campanhas e pontos de coleta (a unidade passou a funcionar como eco-ponto), além de terem criado e gravado a música do projeto.

Critérios em destaque:



Criatividade e potencial de inspiração



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

Um dos principais legados da iniciativa é a mobilização de toda a comunidade escolar em torno do tema da sustentabilidade e o protagonismo dos(as) estudantes, que além de participarem como coautores(as) das ações se transformam em multiplicadores(as) de práticas sustentáveis junto a colegas e familiares. Outro aspecto central é a valorização do entorno da escola como espaço educativo, utilizado para observação e investigação, integrando saberes locais e problemáticas socioambientais ao currículo. A construção coletiva de uma casa na árvore acabou se tornando um dos símbolos da proposta, fortalecendo a autonomia, o pertencimento, a brincadeira e os vínculos afetivos com a natureza. A experiência se destaca ainda pela realização da Semana de Sustentabilidade, uma semana de oficinas interdisciplinares sobre água, clima e saúde, com produção de materiais educativos e ações de prevenção à dengue, e pelo apoio de parceiros externos, como a Embaixada da Nova Zelândia, que resultou na aquisição de equipamentos como a prensa, usada no ecoponto, e o biodigestor.

Resultados e aprendizados

Entre os resultados apontados estão a ampliação da participação estudantil, o envolvimento das famílias na separação e destinação adequada dos resíduos e a transformação da escola em referência comunitária por meio do ecoponto. Famílias que antes descartavam resíduos de forma inadequada passaram a fazer a separação doméstica de itens de plástico, papel, óleo e latinhas. No primeiro semestre, a coleta resultou em aproximadamente 1.000 kg de plásticos recolhidos, 200 litros de óleo vegetal e 200 kg de latinhas. Práticas pedagógicas interdisciplinares, que articulam áreas do conhecimento como Matemática e Ciências e dialogam com vivências do cotidiano, favorecem o desenvolvimento e fortalecimento da consciência socioambiental, da responsabilidade coletiva e da capacidade de atuação dos(as) estudantes frente aos desafios ambientais.

Águas de Brasília

Brasília (DF)

Escola: Centro de Educação Infantil 05 de São Sebastião (CEI 05)

Proponente: Giorgia Edrysse Paixão de Queiroz

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 22

Tema trabalhado: Água

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da gestão escolar

Conheça mais sobre o projeto aqui



Ao ocupar o território escolar, as crianças desenvolvem um forte vínculo afetivo com a natureza, explorando sons, texturas e cores que só o ambiente externo oferece.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto nasceu de uma roda de conversa em que uma criança compartilhou suas observações sobre o Lago Paranoá (a coloração da água, o lixo nas margens e as capivaras), despertando a curiosidade de toda a turma. A partir dessa curiosidade, a professora da Educação Infantil construiu com os meninos e as meninas um percurso pedagógico investigativo sobre as águas da região. A pergunta que guiou a pesquisa foi: **qual a importância da água do Lago Paranoá para o abastecimento de Brasília e suas regiões?** O CEI 05 está localizado em São Sebastião, área

próxima a nascentes e que depende de poços artesianos e do Córrego Cabeça de Veado para seu abastecimento. As atividades foram divididas em cinco etapas, que incluíram experiências sensoriais, literatura infantil, produção artística e observação da natureza.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Um dos destaques do projeto foi a forma como a curiosidade das crianças da Educação Infantil virou uma investigação coletiva sobre água, território e preservação ambiental. Por meio das atividades pedagógicas propostas, os questionamentos iniciais sobre a coloração da água do Lago Paranoá permitiram que as crianças percebessem os diferentes aspectos da água da escola, de suas casas e do lago. Essa investigação extrapolou os muros do CEI, com visita ao Jardim Botânico e a participação em mutirões de coleta e triagem de resíduos no entorno da unidade educacional. As atividades foram adaptadas para que todos(as) da turma, uma Classe de Integração Inversa formada por um número menor de crianças e que mescla meninos e meninas da educação especial com crianças sem deficiência, pudessem participar. O resultado teve destaque externo: o projeto conquistou o primeiro lugar na etapa regional do Circuito de Ciências do DF e ficou em 6º lugar na etapa distrital, quando os(as) pequenos(as) pesquisadores(as) puderam apresentar seu trabalho para avaliadores(as), professores(as), estudantes, famílias e público visitante.

Resultados e aprendizados

O projeto demonstrou que, quando acolhida, a curiosidade infantil pode gerar investigações científicas significativas, inclusive na Educação Infantil. Ao final da experiência, as crianças compreendem o ciclo da água, o porquê de o Cerrado ser conhecido como “Berço das Águas”, qual a relação do Lago Paranoá com o abastecimento de Brasília e como as atitudes do cotidiano impactam os recursos hídricos. O percurso investigativo também fortaleceu vínculos afetivos com a natureza e com o território. As crianças tornaram-se multiplicadoras de boas práticas em família e em qualquer espaço que frequentam.

Do solo à sustentabilidade: benefícios do gel biodegradável para a agricultura de Brazlândia

 Brazlândia (DF)

Escola: CEF 01 de Brazlândia

Proponente: André Ricassio Cameplo Nunes

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 5

Temas trabalhados: Água e Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Como economizar água no plantio? Existe algum material natural que possa ajudar o solo a guardar água?

—
Perguntas feitas pelos(as) estudantes que deram origem ao projeto.

A iniciativa

O projeto surgiu da busca por soluções sustentáveis para um problema recorrente na região: a escassez de água em períodos de estiagem e seus impactos na agricultura. Assim, os(as) alunos(as) passaram a investigar a produção e o uso do gel biodegradável (feito com amido de mi-

lho, ágar-ágar e glicerina) como alternativa ao hidrogel sintético, associado a custos elevados e à geração de resíduos a longo prazo. Com atividades práticas e investigativas, os(as) estudantes participaram da produção do gel, ideal para a retenção de água no solo e sua liberação gradual para as plantas, do plantio e do acompanhamento do desenvolvimento das mudas, relacionando os conteúdos aprendidos aos desafios da comunidade e refletindo sobre o uso sustentável dos recursos naturais.

Crítérios em destaque:



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Criatividade e potencial de inspiração



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

Por meio de um projeto pedagógico, o trabalho dos(as) alunos(as) valorizou a realidade de Brasília, relacionando a investigação científica aos desafios da agricultura local e à necessidade de conservar a água. O que levou à produção de um gel biodegradável, feito com materiais acessíveis, demonstrando que é possível desenvolver alternativas sustentáveis e de baixo custo. Ao integrar diferentes áreas do conhecimento, como Ciências, Matemática, Geografia e Tecnologia, além de promover atividades em espaços externos da escola, a iniciativa tornou a aprendizagem mais significativa, prática e conectada ao cotidiano dos(as) estudantes. Em conversas com suas famílias, puderam ouvir relatos sobre irrigação, conservação da umidade do solo e dificuldades enfrentadas para a manutenção de hortas, chácaras e pequenas propriedades rurais, especialmente nos períodos de seca. O protagonismo do grupo esteve presente em todo o percurso, desde as rodas de conversa iniciais até a análise dos resultados, oportunidades nas quais atuaram levantando hipóteses, realizando experimentos, registrando dados e apresentando as conclusões.

Resultados e aprendizados

Com a iniciativa, os(as) estudantes desenvolveram habilidades de investigação científica, observação, registro de dados, análise de resultados e trabalho colaborativo. Ao acompanhar o experimento, também compreenderam melhor a importância da água para a agricultura, os impactos da escassez hídrica e a necessidade de buscar soluções sustentáveis para os desafios ambientais. A comparação entre os diferentes tratamentos permitiu discutir estratégias de retenção de água no solo e adaptação às condições de estiagem. Com isso, o projeto fortaleceu a educação ambiental, a consciência sobre o uso responsável de recursos naturais e a compreensão de como o conhecimento científico pode contribuir para a solução de problemas reais da comunidade.

Água: de contaminada a potável com a energia solar

Brasília (DF)

Escola: Escola Classe 314 Sul

Proponente: Márcia Gonçalves Antunes de França

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 5

Tema trabalhado: Água

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante da gestão escolar

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



E se a gente tirasse o sal da água?

Pergunta feita pelos(as) estudantes que deu origem ao projeto.

A iniciativa

A iniciativa surgiu a partir de uma pergunta feita pelos(as) próprios(as) estudantes: “E se a gente tirasse o sal da água?” A partir do questionamento, iniciou-se um processo investigativo sobre acesso à água potável, a escassez hídrica e o consumo consciente. O projeto levou os(as) alunos(as) a pesquisar diferentes formas de tratamento da água e a desenvolver um protótipo de destilador solar utilizando materiais acessíveis e de baixo custo, como garrafas PET,

canos PVC, tecidos e isopor. Ao longo do percurso, os(as) estudantes também identificaram a necessidade de remineralizar a água destilada, ampliando a proposta inicial. A iniciativa segue em desenvolvimento em 2026, fortalecendo a investigação científica, a sustentabilidade e o protagonismo estudantil.

CrITÉRIOS em destaque:



Criatividade e potencial de inspiração



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Os(as) alunos(as) participaram ativamente de todo o processo, que compreendeu pesquisas, discussões, experimentos e a construção de uma solução prática para um problema real. Durante as atividades, eles(as) consultaram diferentes fontes de informação, registraram suas descobertas em diários de bordo, realizaram testes de qualidade da água, como pH, turbidez e condutividade elétrica, e participaram das decisões sobre a construção e os aprimoramentos do protótipo. O projeto também promoveu a ampliação dos espaços de aprendizagem, com atividades fora da sala de aula e coleta de amostras em diferentes locais, incluindo o Lago Paranoá, onde pegaram uma amostra de água para análise e discussão sobre seus possíveis usos. A troca de experiências, como a visita a uma escola da região de Brazlândia que já tinha um destilador em funcionamento, enriqueceu as etapas de desenvolvimento da iniciativa e possibilitou a ampliação de olhar dos(as) alunos(as). Além disso, a participação das famílias e da comunidade fortaleceu o processo investigativo e valorizou a socialização dos conhecimentos produzidos pelos(as) estudantes.

Resultados e aprendizados

Ao longo do projeto, os(as) estudantes ampliaram seus conhecimentos sobre a água, sua distribuição no planeta, os processos de tratamento e os desafios relacionados ao acesso à água potável, além de compreender, na prática, como funciona a destilação solar. Como desdobramento, construíram um terrário em sala de aula para aprofundar a compreensão sobre o ciclo da água. O trabalho também contribuiu para o desenvolvimento da curiosidade científica, da capacidade de levantar hipóteses, investigar problemas e buscar soluções fundamentadas em evidências. A experiência fortaleceu a consciência ambiental e o entendimento sobre a relação entre mudanças climáticas, disponibilidade de água e sustentabilidade.

Na trilha do córrego: um olhar ambiental e educativo às margens do Riacho Fundo

Brasília (DF)

Escola: Centro de Atenção Integral à Criança JK

Proponente: Klévia de Oliveira Leal
Fernandes de Lima

Etapa de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 35

Tema trabalhado: Água

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as):
representante da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Eles(as) não apenas aprenderam sobre o problema, mas se posicionaram como agentes de transformação em seu próprio território.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto surgiu do desejo de compreender as causas das enchentes que atingem a Vila Cauhy, comunidade vizinha à escola. Desenvolvido com estudantes do Atendimento Educacional Especializado em Altas Habilidades/Superdotação dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a iniciativa teve como ponto de partida a escuta das crianças e a temática “Água para quê?” – eixo

central do 14º Circuito de Ciências das Escolas Públicas do DF. Por meio de pesquisas, rodas de conversa, saídas de campo, experimentos e diálogo com a comunidade, os(as) estudantes puderam investigar o assoreamento do Córrego Riacho Fundo e seus impactos ambientais. A leitura sensível e crítica do território envolveu os(as) alunos(as) na compreensão de desafios socioambientais locais e na construção de ações que fortaleceram o vínculo com o ambiente e o compromisso com sua transformação.

Crítérios em destaque:



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Um dos principais destaques da experiência foi a participação ativa dos(as) estudantes em todas as etapas do processo. A investigação ganhou sentido a partir do relato de um aluno morador da Vila Cauhy, que compartilhou os impactos das enchentes em sua comunidade. A partir dessa escuta, as crianças formularam perguntas, levantaram hipóteses, realizaram pesquisas e participaram de saídas de campo, inclusive com uma visita guiada por um funcionário da NOVACAP à área preservada do Córrego Riacho Fundo. O território tornou-se um espaço vivo de aprendizagem, permitindo observar áreas preservadas e degradadas, registrar evidências e dialogar com moradores e especialistas. A construção colaborativa do jogo educativo “Na Trilha do Córrego” também se destacou como estratégia criativa para transformar conhecimentos científicos em uma linguagem acessível e lúdica. Todo o percurso fortaleceu o diálogo entre saberes científicos e comunitários, valorizando a investigação, a colaboração e o compromisso com a realidade local.

Resultados e aprendizados

Ao longo do projeto, os(as) estudantes ampliaram a compreensão sobre as relações entre enchentes, assoreamento, vegetação ciliar, ocupação do solo e mudanças climáticas. As saídas de campo, os experimentos e a análise dos dados permitiram que conceitos como erosão, infiltração da água e preservação ambiental fossem compreendidos de forma concreta. As crianças desenvolveram habilidades de pesquisa, observação, registro, análise de dados e comunicação científica, além de fortalecerem o protagonismo e o senso de pertencimento ao território. Os(as) alunos(as) também aplicaram questionários à comunidade escolar e analisaram os dados em gráficos, um exemplo concreto de letramento estatístico.

EC12 como ecossistema sustentável: educação climática, agrofloresta e energias renováveis na construção de uma escola pública autossustentável

 Sobradinho (DF)

Escola: Escola Classe 12 de Sobradinho (EC12)

Proponente: Iris Soares Lourenço

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 291

Temas trabalhados: Água; Eficiência Energética; Gestão de Resíduos; Mudanças Climáticas

Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação.

ODS:



[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Os espaços naturais também atuam como ambientes de autorregulação emocional, favorecendo a participação, a autonomia e o bem-estar.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto transformou áreas antes ociosas da Escola Classe 12, de Sobradinho, em espaços vivos de aprendizagem, tendo a “Horta Arco-Íris” como eixo central. Envolvendo diariamente as 20 turmas da escola, os(as) estudantes participaram de todas as etapas de implementação da iniciativa, que contribuiu para o fortalecimento da convivência com a natureza e a comunidade. As ações foram desenvolvidas por meio de metodologias ativas e integraram diferentes componentes curriculares, além de promover o cultivo de espécies nativas do Cerrado, a valorização dos saberes locais e a inclusão de estudantes da Educação Especial.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Criatividade e potencial de inspiração

Destaques da experiência

Mais do que um espaço de cultivo, a horta se transformou em um ambiente permanente de aprendizagem, convivência e contato com a natureza, envolvendo diariamente estudantes, professores(as), famílias e comunidade. Na ação pedagógica, as crianças participaram da escolha do que plantar, do preparo do solo, do cultivo, do manejo, da colheita, da compostagem, do reflorestamento e da observação dos ciclos naturais, articulando conhecimentos de diferentes componentes curriculares a experiências concretas do cotidiano. A iniciativa também se destacou pela participação ativa das famílias em mutirões e ações coletivas, pela inclusão de 64 estudantes da Educação Especial em atividades práticas e sensoriais e pelo desamparamento da aprendizagem, ampliando o uso dos espaços externos e o contato direto com a natureza.

Resultados e aprendizados

Os resultados da iniciativa se expressam na participação dos(as) estudantes em importantes espaços de troca, reconhecimento e divulgação de conhecimentos. As crianças representaram a escola no Circuito de Ciências das Escolas Públicas do DF, sendo premiadas por dois anos consecutivos, além de participarem da Plenarilha do DF e do Fórum de Alimentação Saudável da Secretaria do Estado de Educação. A experiência também alcançou projeção internacional ao ser apresentada em um curso realizado no Estado de Israel, após a seleção do projeto. Essas oportunidades permitiram que os(as) estudantes compartilhassem suas experiências, socializassem aprendizagens e fortalecessem o protagonismo estudantil, ampliando seus conhecimentos sobre sustentabilidade, agroecologia e mudanças climáticas.



PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

Recife (PE)

Em Recife, foram inscritas 45 iniciativas, sendo 31 da Educação Infantil, 08 dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e 06 dos Anos Finais. Os temas predominantes foram mudanças climáticas (88,9%), gestão de resíduos (64,4%), água (62%) e eficiência energética (15,6%). O conjunto de práticas inscritas evidencia uma rede de educadores(as) comprometidos(as) em transformar o território em espaço de investigação, pertencimento e aprendizagem. As experiências das nove iniciativas premiadas, reunidas nesta publicação, expressam a diversidade de caminhos possíveis para uma Educação Baseada na Natureza. Inspiradas pela realidade do Recife, essas experiências mostram como os manguezais, os rios, as chuvas, os quintais, as hortas, a biodiversidade urbana e os desafios impostos pelas mudanças climáticas são contextos vivos de aprendizagem.

Recife: Cidade do Mangue

Recife (PE)

Escola: EMTI Reitor João Alfredo

Proponente: Pedro Felipe Cavalcanti dos Santos

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 15

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Os(as) estudantes deixaram de ser espectadores da degradação ambiental para se tornarem comunicadores e defensores do mangue.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Desenvolvido em uma disciplina eletiva, o projeto com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental resultou na produção de um documentário sobre os manguezais recifenses e sua relação com a história, a cultura e os desafios ambientais da cidade. Integrando Ciências e Geografia para a construção da obra “Recife: Cidade do Mangue”, mesmo nome da iniciativa, os(as) alunos(as) estudaram o manguezal como berçário marinho, refletiram sobre os impactos

do descarte de resíduos e dos aterramentos, analisaram as transformações da paisagem urbana e discutiram as desigualdades socioespaciais presentes na “cidade anfíbia”, como também é conhecido Recife. Por meio da linguagem audiovisual, a proposta amplia a compreensão sobre a importância dos manguezais para a cidade.

Critérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Criatividade e potencial de inspiração



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Por meio de saídas exploratórias, a iniciativa valorizou os saberes do território, aproximando conhecimentos científicos das experiências de comunidades ribeirinhas, pescadores e catadores de caranguejo. O protagonismo estudantil, o desemparedamento e a escuta ativa também ocuparam lugar de destaque no projeto. As percepções, perguntas e inquietações dos(as) estudantes diante da realidade no manguezal passaram a orientar os rumos do documentário. Os(as) alunos(as) foram responsáveis pela escrita coletiva do roteiro, pela definição dos temas centrais e pela elaboração das entrevistas. Na fase de filmagem e edição, assumiram funções técnicas e criativas. A culminância ocorreu com a exibição do documentário para famílias, comunidade escolar e outros públicos (como a participação em um festival de cinema estudantil), ampliando o diálogo sobre preservação ambiental e pertencimento ao território. Assim, a produção se tornou uma ferramenta para refletir sobre a identidade recifense, a memória dos manguezais e os processos de urbanização que transformaram a cidade.

Resultados e aprendizados

A produção do documentário mostrou que a escola pode ser um espaço de criação, pesquisa e mobilização social, capaz de fortalecer a consciência ambiental e incentivar a participação ativa dos(as) jovens na preservação do território. Ao longo do projeto, os(as) estudantes deixaram de ser apenas observadores(as) dos problemas ambientais para se tornarem pesquisadores(as), comunicadores(as) e defensores(as) da localidade onde vivem. O contato direto com o manguezal fortaleceu vínculos afetivos com a natureza e contribuiu para a compreensão da importância desse ecossistema para a biodiversidade, proteção da cidade e qualidade de vida da população. A experiência também ampliou o desenvolvimento do pensamento crítico, da autoria, da colaboração e da participação cidadã.

Plantar o amor, semear alegria e colher o futuro

Recife (PE)

Escola: Creche Escola Recife Alto do Mandu

Proponente: Sandra Roberta Alves da Silva

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 21

Tema trabalhado: Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A sensibilização das crianças para o cuidado com a natureza deve ocorrer por meio de vivências concretas, que despertem o encantamento e a curiosidade.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Partindo da compreensão de que a Educação Infantil é um espaço privilegiado para a formação de valores éticos e socioambientais, o projeto foi desenvolvido tendo como inspiração obras de literatura infantil e os princípios da Educação Baseada na Natureza. No processo exploratório do pátio da escola como território educativo, as crianças plantaram, cuidaram dos canteiros e

observaram as mudas. O plantio de espécies nativas, como o pau-brasil, as aproximou de reflexões sobre sustentabilidade, cuidado ambiental e mudanças climáticas. Rodas de conversa, leituras, registros no Caderno Primeiras Letras e uma apresentação de suas produções às famílias também fizeram parte da experiência.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil



Contribuição para o enfrentamento da crise climática

Destaques da experiência

Um dos principais destaques da experiência foi a forma como a natureza se tornou parte da rotina pedagógica das crianças, promovendo aprendizagens significativas por meio do movimento, da observação, da escuta e do cuidado. A aula realizada debaixo de uma árvore na escola parceira, EREM São Miguel, ampliou o território educativo para além da unidade educacional de origem, permitindo a exploração de outros espaços da comunidade. A escuta sensível esteve presente em todas as etapas, respeitando os interesses, os ritmos e as formas de expressão do grupo. As famílias também participaram do processo, com a doação de sementes, mudas, materiais reutilizáveis e envio de fotografias das crianças regando plantas em casa, mostrando que o aprendizado havia atravessado os muros da creche. O projeto valorizou práticas inclusivas e colaborativas ao utilizar múltiplas linguagens e ao garantir a participação das meninas e dos meninos nas experiências de cuidado com a natureza.

Resultados e aprendizados

A iniciativa fortaleceu o protagonismo infantil e ampliou a compreensão das crianças sobre o cuidado com a natureza e a importância das árvores para o planeta. Por meio do plantio, da rega diária e da observação do crescimento das plantas, elas passaram a desenvolver noções iniciais de educação climática de forma concreta e lúdica. Por exemplo, quando relacionaram os espaços arborizados e mais frescos à redução do calor e ao conforto proporcionado pela sombra. O grupo também aprendeu que cada planta precisa de água na medida certa, desenvolvendo atitudes de uso consciente. O projeto favoreceu ainda aprendizagens ligadas à oralidade, expressão artística, coordenação motora, convivência e responsabilidade coletiva.

Cores e sabores da aldeia: experiências com a natureza e Educação Climática na Primeira Infância

Recife (PE)

Escola: Creche Escola Municipal da Estância

Proponente: Maria Juliana Gomes Arandas

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 40

Temas trabalhados: Água, Eficiência Energética, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação.

Conheça mais sobre o projeto aqui



A escuta sensível e a observação permanente das crianças foram elementos centrais do trabalho pedagógico, desenvolvido com metodologias adequadas à Primeira Infância.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto foi realizado com duas turmas de crianças de 2 anos da Educação Infantil, e surgiu diante dos desafios socioambientais do território, especialmente os alagamentos recorrentes, que impactam a vida das famílias e o próprio funcionamento da unidade educacional. A ideia foi aproximar as meninas e os meninos da natureza por meio de experiências sensoriais, brincadeiras ao ar livre e práticas de cuidado com o ambiente. Ao longo de cinco meses do primeiro semestre de 2026, foram realizadas atividades com alimentos como macaxeira, batata-doce e abacaxi, plantio de milho, exploração de ervas e pigmentos naturais, construção de uma oca e oficinas com as famílias. A proposta integrou educação climática, cultura, sustentabilidade e Educação Baseada na Natureza, valorizando o protagonismo infantil.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática

Destaques da experiência

Um dos principais destaques da experiência foi considerar a realidade vivida pelas crianças no território. As propostas partiram da exploração de elementos naturais, como água, terra, plantas, ervas e alimentos, promovendo aprendizagens por meio do brincar, da investigação e da experimentação. O plantio do milho permitiu acompanhar transformações da natureza e desenvolver práticas de cuidado. As experiências com ervas, pigmentos naturais e garrafinhas sensoriais ampliaram a exploração dos sentidos e a expressão criativa. Outro destaque foi a construção coletiva de uma oca, inspirada em saberes indígenas, fortalecendo o respeito à diversidade cultural. Diante do contexto de alagamentos, o projeto trabalhou ainda o uso consciente da água no cuidado diário com as plantas, além de incentivar práticas de descarte adequado de resíduos, aproximando as turmas de formas concretas de adaptação e resiliência climática. A participação das famílias em oficinas e conversas sobre educação ambiental ampliou o alcance da iniciativa.

Resultados e aprendizados

A iniciativa ampliou o vínculo das crianças com a natureza e fortaleceu o senso de pertencimento ao território, gerando conhecimentos sobre plantas, alimentos, água e transformações ambientais. As meninas e os meninos exploraram diferentes elementos naturais e demonstraram interesse por observar fenômenos e transformações relacionadas à natureza. O projeto também fortaleceu a participação das famílias, incentivando práticas de cuidado ambiental no cotidiano. Além disso, promoveu aprendizagens sobre o uso consciente da água, a valorização dos saberes locais e a importância da responsabilidade ambiental desde a Primeira Infância.

Recife Alerta

Recife (PE)

Escola: EMTI Reitor João Alfredo

Proponente: Pedro Felipe Cavalcanti dos Santos

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 90

Temas trabalhados: Água, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes do corpo docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A tecnologia do aplicativo e os dados técnicos da Defesa Civil foram enriquecidos e moldados pela vivência diária do território recifense.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O ponto de partida para o projeto foi um diagnóstico realizado na própria escola, que revelou picos expressivos de absenteísmo nos dias de chuva intensa. Além das dificuldades de locomoção, muitas crianças e adolescentes deixam de ir à escola por medo, uma vez que parte deles(as) reside em áreas de risco e encostas mapeadas pela Defesa Civil. Desenvolvida com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a iniciativa envolveu várias atividades de pesquisa e investigação do território ao longo de duas etapas de formação e culminou com o desenvol-

vimento de um aplicativo de celular, o Recife Alerta, que reúne previsão do tempo, tábua de marés e alertas da Defesa Civil. Para além da tecnologia, a ação pedagógica buscou fortalecer a educação climática, a compreensão do espaço geográfico e a resiliência comunitária, colocando os(as) estudantes como protagonistas na leitura e transformação do território onde vivem.

Critérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Um dos principais destaques do projeto é a forma como o território se tornou o centro da aprendizagem. A partir de rodas de diálogo, saídas a campo, cartografia social e investigação do entorno da escola, os(as) estudantes analisaram a relação entre chuvas, marés, relevo e ocupação urbana, compreendendo por que algumas áreas sofrem mais com os impactos dos eventos climáticos extremos. A escuta ativa dos(as) alunos(as), das famílias e da comunidade foi fundamental para identificar vulnerabilidades locais e orientar a construção da ferramenta. Os familiares também contribuíram diretamente ao participar de entrevistas e ficando responsáveis para mapear, a partir da memória de cada um(a), os pontos de alagamento próximos à bacia do Capibaribe, cruzando esse saber popular com os dados oficiais da Defesa Civil. Ao longo do percurso, a iniciativa promoveu o protagonismo estudantil, a participação comunitária, a educação climática e o desemparedamento da aprendizagem, conectando conhecimento científico, pertencimento e ação cidadã.

Resultados e aprendizados

A iniciativa ampliou a compreensão dos(as) estudantes sobre as mudanças climáticas e seus impactos no cotidiano da cidade. Ao analisar dados meteorológicos, mapas de risco, marés e características do território, eles(as) desenvolveram habilidades de investigação, realizaram uma leitura crítica do espaço geográfico e criaram um aplicativo com o uso de tecnologias digitais. O processo também fortaleceu o sentimento de pertencimento e a compreensão de que a prevenção de riscos passa pelo conhecimento científico e pelos saberes locais. Como resultado, os(as) alunos(as) deixaram de ocupar apenas o lugar de observadores(as) dos problemas para atuar como agentes de prevenção e resiliência.

Raízes e descobertas: cheiro, cores e texturas do nosso quintal!

📍 Recife (PE)

Escola: CMEI Alcides Restelli Tedesco

Proponente: Alexia Maria dos Santos Silva

Etapa de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 18

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as):
outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A natureza deixou de ser um cenário para se tornar um suporte pedagógico essencial para o desenvolvimento integral e a alfabetização ecológica.

—
Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto surgiu no segundo semestre de 2025, durante o processo de retomada da rotina da unidade educacional e de adaptação e acolhimento de crianças de 1 a 2 anos. A partir da observação de uma insegurança e uma agitação no grupo, a docente viu no desemparedamento da infância uma estratégia de regulação emocional, ampliação de repertório e promoção do

bem-estar coletivo. Ao perceber a calma e o engajamento investigativo dos(as) pequenos(as) nos espaços externos do CMEI, foi estruturada uma proposta voltada à exploração da natureza, tendo o Dia da Árvore como marco articulador. A iniciativa buscou transformar a curiosidade das meninas e dos meninos em experiências de preservação ecológica, de cuidado e de exploração sensorial da natureza por meio de várias atividades lúdicas.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Criatividade e potencial de inspiração

Destaques da experiência

Inspirado pelo conceito de desemparedamento, pelo brincar heurístico e pela abordagem de Reggio Emilia, que incentivam a exploração, a criatividade e o protagonismo infantil, o projeto transformou os espaços externos do CMEI em ambientes de aprendizagem. Folhas, flores, sementes, gravetos, argila, água, lama e gelo passaram a ser utilizados como recursos para investigações sensoriais, produções artísticas e brincadeiras. As experiências envolveram vivências como caminhar descalço sobre a terra e a grama, realizar pinturas corporais com argilas de diferentes cores, percorrer um circuito da natureza composto por elementos trazidos pelas famílias, observar minhocas no jardim e explorar água e espuma utilizando garrafas PET cortadas com lenços amarrados em suas aberturas. Outro destaque foi o acompanhamento das plantas, rodas de leitura, musicalização ao ar livre e a criação de móveis com materiais coletados durante as atividades. A livre exploração dos ambientes fortaleceu o protagonismo infantil, ampliando o reconhecimento da natureza como parte integrante das experiências de aprendizagem.

Resultados e aprendizados

O contato direto com os elementos da natureza contribuiu para a redução dos níveis de agitação observados no grupo, favorecendo o bem-estar coletivo durante o período de adaptação das crianças. As experiências ampliaram o protagonismo infantil, fortaleceram os vínculos de pertencimento com o espaço educacional e consolidaram a natureza como um “terceiro educador”, incentivando formas de interação mais respeitadas com plantas, animais e recursos naturais. O projeto também reafirmou o território como espaço de investigação, convivência e alfabetização ecológica. Para a sua realização, a equipe de apoio e limpeza adaptou o cronograma de manutenção dos jardins para preservar os espaços de exploração das crianças.

Raízes no ar, saberes na terra: hortas suspensas como estratégia sustentável e criativa de aprendizagem

Recife (PE)

Escola: Escola Municipal Santa Edwiges

Proponente: Maphi Vasconcelos Vanderlei Jamil

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 120

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos e Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão e representantes da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



As hortas suspensas transformaram áreas externas em ambientes de aprendizagem, favorecendo o desaparedamento e ampliando as práticas para além da sala de aula.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica

A iniciativa

A escola tinha a percepção de que muitas crianças tinham pouco contato com espaços verdes. Diante da limitação de espaço na própria unidade, o projeto das hortas suspensas surgiu como uma alternativa criativa e sustentável para transformar muros e áreas ociosas em ambientes de aprendizagem, valorizando o cuidado com as plantas, com o ambiente e com a alimentação. Assim, a iniciativa transformou espaços antes pouco utilizados em locais de convivência e descoberta. Ao longo de seis meses, os(as) estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental participaram de todas as etapas do processo, desde a construção da horta até o cultivo e a colheita, vivenciando experiências que aproximaram teoria e prática, fortaleceram o protagonismo estudantil e ampliaram a relação com a natureza.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Criatividade e potencial de inspiração

Destaques da experiência

A construção da horta suspensa começou com pesquisas e rodas de conversa, nas quais os(as) estudantes puderam compartilhar conhecimentos, dúvidas e interesses, o que contribuiu para a escolha das hortaliças que seriam cultivadas. Na sequência, a proposta ganhou forma com a mobilização dos(as) moradores do bairro para a coleta de cordas e garrafas PET, a montagem dos canteiros suspensos e o plantio das mudas. As famílias contribuíram na arrecadação de materiais reutilizáveis e acompanharam o desenvolvimento das atividades. Uma parceria com a Secretaria Executiva de Agricultura Urbana do Recife garantiu sementes, mudas e substratos para o plantio. Ao longo do cultivo, os(as) alunos(as) acompanharam o crescimento das plantas e registraram suas descobertas em diários de bordo. A iniciativa também assegurou diferentes formas de participação, possibilitando que as crianças com TEA vivenciassem na horta experiências sensoriais, como o toque, o cheiro e a observação das plantas, contando com o apoio de atividades em grupo.

Resultados e aprendizados

O projeto fortaleceu a aprendizagem interdisciplinar ao articular diferentes conteúdos em atividades concretas e significativas. A integração entre áreas do conhecimento se concretizou, por exemplo, na Matemática, com a medição do crescimento das mudas usando régua, e na Língua Portuguesa, com a produção de diários de bordo e pequenos relatos sobre o cultivo. Já a reutilização de materiais, o uso consciente da água e a importância das áreas verdes favoreceram a reflexão sobre mudanças climáticas e adaptação urbana. Houve ainda celebração das conquistas, com a degustação e a partilha da produção entre estudantes e famílias, fortalecendo os vínculos entre escola, comunidade e território.

“Esse suco é de quê?” Uma investigação das crianças sobre frutas, sabores e sementes

Recife (PE)

Escola: Creche Escola Municipal Dorgiane dos Santos Xavier de Souza

Proponente: Emanuela Bernardino da Silva

Etapa de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 21

Tema trabalhado: Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A participação se deu de forma efetiva, garantindo que as crianças não apenas vivenciassem as experiências, mas influenciassem diretamente os caminhos do projeto.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Tudo começou com uma pergunta simples feita pelas crianças durante as refeições: “esse suco é de quê?”. Ao perceber a curiosidade sobre as frutas presentes no cardápio da unidade educacional, a equipe pedagógica transformou esse interesse em uma investigação sobre sabores, sementes, alimentação e natureza. Ao longo de cinco semanas, as meninas e os meninos explo-

raram frutas como acerola, goiaba, maracujá, abacaxi e laranja por meio de observações, degustações, rodas de conversa, preparo de receitas e plantio. Construído a partir da escuta ativa e do protagonismo infantil, o projeto ampliou o conhecimento sobre os alimentos consumidos no cotidiano, fortaleceu hábitos saudáveis e promoveu experiências de descoberta, cuidado e contato com a natureza na Educação Infantil.

CrITÉRIOS em destaque:



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil



Brincar e aprender com e na natureza



Educação acolhedora, equitativa e criativa

Destaques da experiência

O principal destaque da experiência foi a construção de todo o percurso a partir da escuta das crianças. Uma pergunta espontânea do cotidiano escolar se tornou o ponto de partida para investigações, descobertas e decisões coletivas. As meninas e os meninos observaram integralmente as frutas e compararam suas cores, aromas, texturas e sabores. Além disso, levantaram hipóteses sobre sementes e participaram ativamente de votações para escolher receitas e definir qual fruta seria plantada. O projeto também valorizou a Educação Baseada na Natureza ao utilizar o quintal e a horta como ambientes de aprendizagem. As experiências sensoriais permitiram que cada criança participasse de acordo com suas possibilidades, respeitando ritmos, preferências e formas de expressão. Outro aspecto relevante foi a articulação entre unidade educacional, famílias e território, incorporando histórias, hábitos alimentares e saberes compartilhados pelos(as) pequenos(as) sobre as frutas presentes em suas casas.

Resultados e aprendizados

A iniciativa ampliou o conhecimento das crianças sobre os alimentos consumidos diariamente, fortalecendo a relação entre alimentação, natureza e aprendizagem. Ao reconhecer frutas, identificar sementes, observar processos de crescimento e participar do cuidado com uma muda, os(as) participantes desenvolveram curiosidade investigativa, autonomia e atitudes de responsabilidade ambiental. O projeto demonstrou que situações cotidianas podem ser transformadas em experiências pedagógicas potentes quando mediadas pela escuta sensível e pela participação ativa das meninas e dos meninos. Também evidenciou a importância do contato direto com elementos naturais para a construção de vínculos afetivos com o ambiente e para o desenvolvimento de uma compreensão inicial sobre os ciclos da vida, o cuidado e as relações entre clima, plantas e seres vivos.

BioEscola 360°: a ciência que nasce do solo e transforma a comunidade

Recife (PE)

Escola: EMTI Maria de Sampaio Lucena

Proponente: Dione Maria dos Santos Nascimento

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 384

Temas trabalhados: Água, Eficiência Energética, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante da equipe docente e gestão

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A iniciativa BioEscola 360° transforma o território escolar em um ‘laboratório vivo’, convertendo espaços degradados em ambientes de aprendizagem e promovendo o protagonismo dos(as) estudantes no processo.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Diante da necessidade de transformar problemas vivenciados no território, nasceu o projeto BioEscola 360°. A iniciativa foi desenvolvida em uma comunidade marcada por desafios ambientais, sociais e de saúde pública, especialmente relacionados ao descarte inadequado de

resíduos, à vulnerabilidade às arboviroses e ao afastamento dos(as) estudantes em relação a natureza e seus ciclos. Assim, áreas antes degradadas da escola foram revitalizadas e convertidas em horta agroecológica, pomar e sistema de biodigestão. Os(as) alunos(as) passaram a acompanhar a alimentação e o monitoramento do biodigestor, participar da extração de óleos essenciais de citronela e da produção de bioprodutos, além de desenvolver ações como o projeto “Horta em casa”, que levou mudas, sementes e práticas de cultivo e compostagem para as residências.

Critérios em destaque:



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil



Envolvimento da comunidade escolar e do território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática

Destaques da experiência

O protagonismo dos(as) estudantes é o principal destaque do projeto. Eles(as) assumem responsabilidades na gestão do biodigestor, no acompanhamento dos resíduos da merenda, na produção de repelente de citronela e na organização de processos de empreendedorismo vinculados à feirinha do projeto, ampliando perspectivas de geração de renda para as famílias. Outro aspecto central é a integração entre saberes científicos e do território, expressa no uso do calendário agrícola regional e no plantio do milho no Dia de São José, aproximando meteorologia, cultura nordestina e conhecimentos das famílias. A experiência também se destaca pela lógica da economia circular, em que resíduos orgânicos são convertidos em biogás e biofertilizante, alimentando novos ciclos de cultivo e cuidado. Soma-se a isso a dimensão comunitária da iniciativa, evidenciada pela construção de composteiras domésticas e pelo uso de materiais recicláveis, como garrafas PET, canos e caixas d’água antigas.

Resultados e aprendizados

Ao longo do percurso, o projeto deixou como resultado a transformação de espaços antes marcados por entulho e descarte inadequado de resíduos em ambientes propícios para aprendizagem, cultivo e experimentação. A experiência respondeu à vulnerabilidade epidemiológica do território por meio da produção do repelente de citronela. Desenvolvido no laboratório de Ciências da escola, o produto representou uma alternativa de proteção acessível para as famílias da região, em um cenário de aumento de 71% nos casos de dengue no Recife em 2025. Outro resultado importante foi a expansão das ações, com famílias envolvidas no cultivo doméstico, na montagem de hortas com materiais recicláveis e na produção de composteiras. Como legado, a iniciativa consolidou uma tecnologia social replicável, baseada em circularidade, integração curricular e valorização dos saberes do território.

Que horta! Cultivando saberes e semeando histórias

Recife (PE)

Escola: Escola Municipal Alto Santa Terezinha

Proponente: Júlio César Patrício Saldanha Silva

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 42

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da gestão escolar e outros(as) profissionais da educação.

Conheça mais sobre o projeto aqui



Será que os legumes dormem
debaixo da terra?

Fala das crianças durante roda de leitura.

A iniciativa

O projeto foi desenvolvido com crianças da Educação Infantil após uma requalificação estrutural da unidade educacional que, apesar de necessária, resultou na perda dos jardins e das pequenas plantações existentes no seu entorno. Como forma de reconstruir o vínculo dos(as) pequenos(as) com a natureza, foi criada uma horta escolar integrada às práticas pedagógicas.

Inspirada em diversos materiais, como os livros “Que Horta!” e “A Cesta de Dona Maricota”, de Tatiana Belinky, a iniciativa articulou literatura, investigação, cultivo de ervas medicinais, alfabetização, artes e sustentabilidade, tendo as meninas e os meninos como protagonistas no cultivo, no cuidado e no registro do percurso em um Diário de Bordo Coletivo.

Critérios em destaque:



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil



Brincar e aprender com e na natureza



Articulação com os campos de aprendizagem (Educação Infantil)

Destaques da experiência

Um dos destaques foi a integração da literatura ao projeto, por meio das obras “Que Horta!” e “A Cesta de Dona Maricota”, de Tatiana Belinky. Quando ouviram as histórias pela primeira vez, as crianças fizeram a pergunta que deu o tom de todo o percurso: “Será que os legumes dormem debaixo da terra?”. A escuta ativa se fez em rodas de conversa e nas tomadas de decisão, transformando curiosidades surgidas durante a leitura dos livros em investigações, como a observação do desenvolvimento das plantas. As meninas e o meninos votaram para escolher as sementes, decidiram os nomes dos canteiros e produziram placas de identificação utilizando desenhos e escrita emergente. Outro aspecto relevante foi a valorização dos saberes do território por meio do cultivo de capim-santo, hortelã e boldo-do-chile, espécies escolhidas a partir de relatos das famílias sobre práticas de cuidado e uso de ervas medicinais. A iniciativa também se destacou pela Educação Baseada na Natureza, promovendo o desemparedamento, e pela construção do Diário de Bordo Coletivo, que tornou visíveis as hipóteses, descobertas e registros das crianças, fortalecendo o uso social da linguagem.

Resultados e aprendizados

O projeto fortaleceu a relação das crianças com a natureza por meio do contato direto com a terra, as plantas e os ciclos de produção. As experiências de plantar, cultivar e colher favoreceram o desenvolvimento de hábitos de cuidado, responsabilidade e preservação ambiental, além de fomentar a observação, a pesquisa e a participação coletiva. A horta se tornou um espaço de aprendizagem interdisciplinar, articulando diferentes campos de experiência. As crianças ampliaram suas formas de expressão por meio da oralidade, do desenho, da escrita emergente e dos registros coletivos. A culminância na Feira Pedagógica possibilitou visita da população à unidade: os(as) integrantes do Grupo IV atuaram como guias, apresentando a horta, as placas, os registros e as evidências de seu trabalho.



PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

Rio Grande do Norte

No Rio Grande do Norte, foram inscritas 44 iniciativas, sendo 01 da Educação Infantil, 14 dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e 29 dos Anos Finais. Os temas predominantes foram mudanças climáticas” (93,2%), água (61,4%), gestão de resíduos (59,1%) e eficiência energética (13,6%). As iniciativas inscritas revelam uma rede de educadores(as) comprometidos(as) em transformar os diferentes territórios potiguares em espaços vivos de aprendizagem. A Caatinga, os corpos d’água, os manguezais, os quintais, hortas, áreas rurais e comunidades tradicionais tornam-se contextos para investigar a realidade local, fortalecer vínculos de pertencimento e o protagonismo de crianças e adolescentes. As nove iniciativas premiadas reunidas nesta publicação expressam diferentes possibilidades de construir uma EBN a partir da realidade potiguar.

Saúde ambiental: impactos dos agrotóxicos e alternativas sustentáveis

Portalegre (RN)

Escola: Escola Municipal Alfredo Silvério

Proponente: Paulo Junior Morais de Oliveira

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 62

Temas trabalhados: Água, Alimentação saudável, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as):
representantes da equipe docente e gestão escolar

Conheça mais sobre o projeto aqui



O projeto reconhece e valoriza os saberes do território rural, especialmente aqueles relacionados à agricultura familiar e às práticas tradicionais.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto foi desenvolvido a partir da realidade de uma comunidade rural, onde a agricultura faz parte do cotidiano das famílias. A iniciativa surgiu para conscientizar os(as) estudantes sobre os impactos dos agrotóxicos para a saúde e para o ambiente. Ao mesmo tempo, incentivou práticas agrícolas mais sustentáveis. Com atividades integradas, os(as) alunos(as) pesquisaram sobre culturas agrícolas da região, participaram de palestras, aulas práticas e do cultivo de uma horta escolar. As ações articularam conhecimentos científicos, saberes da comunidade e experiências concretas de cultivo, fortalecendo assim a relação entre escola, território e sustentabilidade.

Crítérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

Desde o início do projeto, os(as) estudantes compartilharam os conhecimentos trazidos de suas vivências familiares, sugeriram o que plantar na horta e participaram das decisões sobre a organização dos canteiros. As atividades envolveram pesquisa no laboratório de informática, palestra sobre os riscos dos agrotóxicos com o secretário de Agricultura em exercício, Hermes Dias, e formação com o técnico do SENAR/RN, Samuel Sã, composta por aula teórica sobre cultivo e orientação prática na horta, na qual foram abordados o espaçamento entre as culturas, o manejo do solo e as diferentes técnicas de plantio. Outro destaque foi o uso dos espaços externos como ambiente de aprendizagem. Os(as) alunos(as) participaram da coleta de adubo orgânico, da preparação do solo, da irrigação e do acompanhamento do crescimento das plantas, vivenciando experiências diretamente ligadas à natureza. A iniciativa também promoveu inclusão, garantindo a participação de crianças com deficiência visual, TDAH e deficiência intelectual leve, por meio de orientação individualizada, apoio entre colegas e atividades sensoriais, além de valorizar a identidade cultural de quilombolas e afrodescendentes.

Resultados e aprendizados

Ao participar das atividades da horta escolar, os(as) alunos(as) compreenderam, na prática, temas relacionados à saúde ambiental, preservação do solo, uso consciente da água e produção de alimentos sem produtos químicos. A iniciativa também aproximou a escola das famílias e da comunidade ao valorizar experiências locais de cultivo e agricultura familiar. Além disso, promoveu reflexões sobre mudanças climáticas, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental. A experiência positiva do projeto já se reflete também fora da escola, pelo menos duas outras unidades de ensino do município demonstraram interesse em implantar hortas escolares semelhantes, após articulação realizada pela nutricionista responsável pela alimentação escolar.

Pomar escolar e espaço de plantas nativas no CAIC – Abolição IV

📍 Mossoró (RN)

Escola: Escola Estadual 30 de Setembro

Proponente: Marcos Paulo Medeiros da Cunha

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

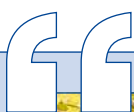
Número de estudantes envolvidos: 34

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:

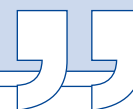


Conheça mais sobre o projeto aqui



Essa planta fui eu que plantei, vou cuidar pra ela crescer.

—
Fala de um(a) estudante durante o plantio do pomar.



A iniciativa

Os relatos dos(as) estudantes sobre o calor e a falta de sombra no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) – Abolição IV, somados à presença de áreas ociosas e com pouca cobertura vegetal, motivaram a criação do projeto. Assim, a proposta transformou esses espaços em ambientes de aprendizagem por meio da implantação de um pomar escolar, de um jardim de plantas nativas da Caatinga e de um meliponário (local dedicado à criação de abelhas

nativas sem ferrão). Ao longo do processo, os(as) alunos(as) participaram de atividades práticas, como plantio, manejo do solo e observação da natureza, contribuindo para a construção de uma escola mais acolhedora, sustentável e conectada à realidade do território.

Crítérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil



Contribuição para o enfrentamento da crise climática

Destaques da experiência

Um dos principais destaques da experiência foi transformar a Caatinga em protagonista das aprendizagens. Em vez de estudar biomas distantes, as crianças e os(as) adolescentes investigaram o ambiente em que vivem, conhecendo suas espécies, sua resistência à seca e sua importância para a vida no Semiárido. A visita à Floresta Nacional de Açu foi um momento marcante desse processo, permitindo que os(as) alunos(as) observassem espécies nativas, registrassem descobertas, fizessem perguntas e compreendessem as características do bioma. Outro diferencial foi a transformação do espaço escolar em um laboratório interdisciplinar. O pomar, o jardim de plantas nativas e o viveiro passaram a funcionar como uma “sala de aula viva”, onde os(as) estudantes acompanham o crescimento das plantas, observam insetos, investigam fenômenos naturais e relacionam conhecimentos de diferentes áreas.

Resultados e aprendizados

A iniciativa possibilitou que os(as) alunos(as) compreendessem temas relacionados à educação ambiental e à conservação da Caatinga. Ao longo do processo, eles(as) desenvolveram competências relacionadas à investigação, observação, trabalho colaborativo e resolução de problemas. A curiosidade despertada durante a visita à Floresta Nacional de Açu sobre o papel das abelhas na polinização, por exemplo, levou os(as) próprios(as) estudantes a sugerirem a criação de um meliponário na escola, fortalecendo o protagonismo juvenil. O projeto também contribuiu para a valorização do território, o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a transformação de áreas antes ociosas em espaços permanentes de aprendizagem e cuidado.

Rio Apodi: laços que conectam, histórias que fluem

Apodi (RN)

Escola: Escola Estadual Valdemiro Pedro Viana

Proponente: Flaviano Moreira Monteiro

Etapas de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 174

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Conhecer a realidade do rio, compreender sua importância e compartilhar esse conhecimento com a comunidade se tornou parte do processo de formação dos(as) estudantes.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

A Escola Estadual Valdemiro Pedro Viana está localizada à beira do Rio Apodi, principal rio do oeste potiguar. Mas o que deveria ser um privilégio se revelou um desafio. Durante uma aula realizada às margens do rio, os(as) estudantes identificaram sinais de degradação ambiental, como a presença de garrafas plásticas e latinhas de alumínio, além de assoreamento e redução da vegetação. A partir desse diagnóstico, nasceu o projeto, em que professores(as) e alunos(as)

passaram a investigar aspectos históricos e ambientais relacionados ao rio, realizando visitas à nascente e à foz, campanhas de sensibilização ambiental e reuniões com representantes do poder público para discutir estratégias para preservar esse importante patrimônio da região.

Crítérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

Um dos principais destaques foi a realização de um percurso pedagógico que permitiu aos(as) estudantes conhecer o Rio Apodi desde a nascente até a foz. O projeto foi desenvolvido em três etapas complementares. A primeira consistiu em uma visita à nascente do rio, localizada na Serra de Luís Gomes (RN), onde os(as) alunos(as) puderam compreender sua origem e a importância da preservação das áreas de recarga hídrica. A segunda ocorreu em trechos próximos à escola, na zona rural de Apodi, possibilitando a observação das condições ambientais locais e dos impactos causados pela ação humana. A terceira levou os(as) estudantes até a foz do rio, entre os municípios de Grossos e Areia Branca (RN), onde conheceram o encontro das águas com o mar e a importância ecológica e econômica do estuário, uma das áreas mais importantes da produção de sal marinho do país, com salinas que se estendem por quilômetros. Outro aspecto relevante da iniciativa foi a mobilização social. A escola passou a dialogar com representantes do poder público municipal, contribuindo para a criação do Dia Municipal do Rio Apodi, celebrado em 6 de junho. O projeto fortaleceu o reconhecimento da importância histórica, cultural e ambiental do rio e ampliou o envolvimento da comunidade nas ações de preservação.

Resultados e aprendizados

Além da criação do Dia Municipal do Rio Apodi, a iniciativa conquistou visibilidade nacional. Três alunos(as) e uma professora participaram da Febrace (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia) realizada na Universidade de São Paulo. A oportunidade permitiu o intercâmbio com estudantes e pesquisadores(as) de diferentes regiões do país, ampliando o alcance das discussões sobre educação ambiental. O projeto também passou a discutir a necessidade de mecanismos permanentes de proteção para o Rio Apodi. Entre as propostas apresentadas está a criação de uma Área de Preservação Ambiental (APA), tema levado para debates com a comunidade, apresentações públicas e reuniões com representantes do governo local.

Mapa do lixo – Rua da Palha

📍 Macaíba (RN)

Escola: Escola Municipal Professor Bartolomeu Fagundes

Proponente: Erinaldo Bezerra da Silva

Etapa de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 190

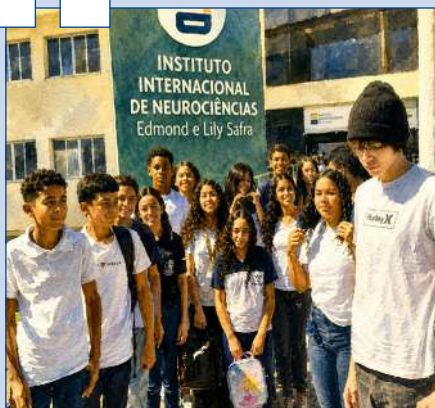
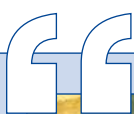
Temas trabalhados: Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



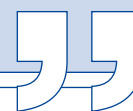
Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente e gestão escolar

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



O contato direto com a comunidade transformou observações do cotidiano em dados, análise e ação.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.



A iniciativa

O descarte irregular de resíduos sólidos em ruas, terrenos baldios, áreas próximas ao rio e espaços de circulação é um problema vivenciado diariamente pelos(as) estudantes da comunidade da Rua da Palha, em Macaíba/RN, o que motivou a realização desta iniciativa. As ações começaram com rodas de conversa para identificar os principais desafios socioambientais do território. Em seguida, foram realizadas caminhadas investigativas e aulas de campo,

nas quais os(as) alunos(as) observaram o território, registraram pontos críticos e dialogaram com os(as) moradores(as). Os dados coletados foram organizados em formulários digitais e utilizados na construção de um mapa digital para identificar pontos de descarte irregular na comunidade. Com essa agenda, o projeto articulou educação ambiental, tecnologia, cidadania e protagonismo estudantil.

Crítérios em destaque:



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Criatividade e potencial de inspiração



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

A iniciativa integrou Educação Física, Ciências, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, Arte e Tecnologia, em caminhadas investigativas, análise de dados, produção textual e georreferenciamento digital. Outro aspecto relevante foi a valorização dos saberes do território, incorporando relatos de moradores(as), histórias locais e conhecimentos construídos pela comunidade ao longo do tempo. O projeto também fortaleceu a participação das famílias e dos(as) moradores(as), que contribuíram para o diagnóstico dos problemas e para a reflexão sobre possíveis soluções. As caminhadas investigativas, os registros fotográficos, o georreferenciamento dos pontos críticos e a construção colaborativa do mapa digital demonstraram que tecnologias acessíveis podem ser utilizadas para compreender e transformar realidades locais. A experiência ainda se destacou por promover educação climática de forma contextualizada, relacionando resíduos sólidos, saúde ambiental, qualidade de vida, prevenção de impactos ambientais e responsabilidade coletiva.

Resultados e aprendizados

O projeto fortaleceu o letramento climático dos(as) estudantes, ajudando-os(as) a relacionar o descarte irregular de resíduos a riscos concretos como contaminação da água e alagamentos em períodos de chuva, favorecendo uma leitura mais crítica do território e estimulando o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade. A iniciativa também fortaleceu os vínculos entre escola, famílias e comunidade, ampliando o diálogo sobre o cuidado com os espaços coletivos. Como aprendizado, evidenciou que a escuta dos(as) alunos(as), a valorização dos saberes locais e a investigação de problemas reais podem gerar aprendizagens significativas e inspirar soluções replicáveis para outros contextos escolares e comunitários.

Alagamento: problemática do lixo nas ruas

📍 Mossoró (RN)

Escola: Escola Municipal José Benjamim

Proponente: Magna Maria Benevides
Gomes

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino
Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 176

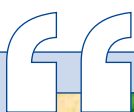
Temas trabalhados: Água, Gestão de
Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



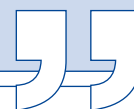
Outros(as) profissionais envolvidos(as):
representante da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A construção de maquetes com materiais reutilizados tornou visíveis os impactos do lixo no escoamento da água e na ocorrência dos alagamentos.

*Trecho extraído da ficha de inscrição da
ação pedagógica*



A iniciativa

O projeto surgiu a partir de um problema identificado pelos(as) próprios(as) estudantes: os alagamentos recorrentes em suas comunidades durante os períodos de chuva. Em rodas de conversa, eles(as) relataram situações de acúmulo de água, lixo nas ruas e consequentes dificuldades enfrentadas pelos(as) moradores(as) da região. A partir daí, realizaram observações do entorno da escola para identificar pontos de acúmulo de resíduos e possíveis causas dos alagamentos,

participaram de estudos e discussões sobre poluição e descarte inadequado de lixo e construíram maquetes com materiais reutilizados para simular situações com e sem resíduos. As atividades práticas permitiram visualizar como o lixo interfere no escoamento da água e estimularam reflexões sobre soluções, como o descarte adequado de resíduos.

Critérios em destaque:



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

Um dos principais destaques da iniciativa foi a valorização das experiências e percepções dos(as) alunos(as) como ponto de partida para a aprendizagem. O projeto também se destacou pela articulação entre educação ambiental e educação climática, abordando os alagamentos como um problema relacionado tanto ao descarte inadequado de resíduos quanto à intensificação de eventos climáticos extremos. Outro aspecto relevante foi o trabalho com o território como espaço educativo. Os percursos realizados no entorno da escola possibilitaram a observação direta de bueiros, ruas e pontos de acúmulo de lixo, fortalecendo a compreensão da realidade local. A participação das famílias e da comunidade ampliou as discussões por meio de relatos e reflexões compartilhadas pelos(as) estudantes. E a construção colaborativa de maquetes favoreceu a aprendizagem prática, a criatividade e a participação de todos(as), respeitando e valorizando diferentes habilidades, além de promover o protagonismo estudantil.

Resultados e aprendizados

A iniciativa contribuiu para ampliar a compreensão dos(as) alunos(as) sobre a relação entre descarte inadequado de resíduos, alagamentos e mudanças climáticas. Ao longo do processo, eles(as) puderam desenvolver um olhar mais atento para o território e passaram a identificar problemas ambientais presentes em seu cotidiano. O projeto também fortaleceu o sentimento de pertencimento e responsabilidade coletiva, incentivando os(as) estudantes a dialogarem com familiares e colegas sobre a importância do descarte adequado do lixo. Entre os aprendizados, destaca-se a percepção de que mudanças de atitudes podem contribuir para a redução de problemas ambientais locais e para a melhoria da qualidade de vida na comunidade, como sintetizou um(a) participante(a): “Aqui junta água porque o lixo se acumula.”

A vegetação do Nordeste e as músicas de Luiz Gonzaga

📍 Mossoró (RN)

Escola: Escola Municipal José Benjamin

Proponente: Escola Municipal José Benjamin

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 176

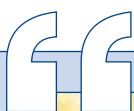
Temas trabalhados: Água, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



As músicas permitiram aos(as) estudantes compreender a vegetação, o clima e a resistência da natureza nordestina de forma sensível e significativa.

—
Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.



A iniciativa

As músicas de Luiz Gonzaga serviram como fio condutor para uma experiência que aproximou os(as) estudantes da vegetação do Nordeste e da cultura regional. Desenvolvido com turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o projeto focou em temas relacionados à Caatinga, ao clima Semiárido e às formas de convivência com a natureza da região. Ao longo de duas se-

manas, os(as) alunos(as) participaram de rodas de conversa, escuta e análise de canções, estudos sobre a vegetação regional e observações em espaços externos da escola. As atividades culminaram em momentos de socialização e produções artísticas inspiradas pelas músicas e pelos conhecimentos construídos coletivamente.

Critérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Criatividade e potencial de inspiração



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Um dos principais destaques foi a aproximação entre conhecimento científico, cultura popular e experiências vividas pelos(as) estudantes. As músicas de Luiz Gonzaga funcionaram como ponto de partida para que temas como vegetação, clima e convivência com o Semiárido fossem trabalhados de forma sensível e contextualizada. A partir da análise das canções, as crianças estudaram a vegetação do Nordeste, especialmente a Caatinga, identificando suas características, compreendendo as adaptações das plantas ao clima Semiárido e relacionando esses conhecimentos às paisagens, aos modos de vida e aos elementos da natureza presentes nas letras. A participação das famílias também teve papel fundamental, enriquecendo o projeto com memórias, relatos e saberes transmitidos entre gerações. Outro aspecto relevante foi o fortalecimento da identidade cultural dos(as) alunos(as), que passaram a reconhecer elementos de seu cotidiano nas músicas e nas discussões realizadas em sala.

Resultados e aprendizados

Ao longo do projeto, os(as) estudantes passaram a reconhecer características da Caatinga, identificar formas de adaptação da vegetação às condições climáticas e compreender aspectos da convivência com a seca presentes nas músicas e nos relatos familiares. Uma aluna resumiu essa aprendizagem ao dizer: “Minha avó disse que aqui a gente aprende a viver com pouca água”, conectando o conteúdo escolar à resiliência climática vivida por sua família. A experiência confirmou que a integração entre cultura, território e conhecimento científico favorece uma aprendizagem mais significativa, participativa e conectada à realidade dos(as) alunos(as).

Concretizando saberes: a horta sustentável como estratégia de desemparedamento

📍 Mossoró (RN)

Escola: Escola Estadual Nossa Senhora das Graças

Proponente: Antônia Milene da Silva

Etapas de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 25

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as):
representantes da equipe docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Pode inspirar outras escolas que, assim como a nossa realidade, são emparedadas, pequenas e sem contato com a natureza.

—
Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.



A iniciativa

Na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, em Mossoró (RN), um projeto sobre alimentação saudável ganhou novos contornos a partir da leitura do livro “A Horta do Senhor Lobo”, de Quentin Gréban e Claire Bouiller. Durante a discussão da obra, alunos(as) dos 3º anos sugeriram

a criação de uma horta escolar, mesmo em uma escola sem áreas verdes e praticamente toda cercada por concreto. A partir dessa sugestão, a proposta foi incorporada ao trabalho pedagógico. Ao longo de seis semanas, foram realizadas rodas de conversa, pesquisas, estudos sobre plantas, solo, água e sustentabilidade, observação de sementes, produção de registros e a construção de uma horta suspensa com garrafas PET, instalada em um local escolhido coletivamente pelas crianças.

Crítérios em destaque:



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Assim como a ideia da horta surgiu dos(as) próprios(as) estudantes, eles(as) também apresentaram soluções para superar a falta de espaço na escola. As decisões sobre materiais, formato da horta e local de instalação foram construídas em conjunto, fortalecendo a participação infantil. Outro aspecto relevante foi o desaparelhamento da escola. Em uma instituição sem áreas verdes, a criação da horta suspensa possibilitou o contato direto com a natureza, ampliando as oportunidades de aprendizagem em interação com seus processos naturais. A reutilização de materiais recicláveis fomentou discussões sobre resíduos e consumo consciente. As famílias também foram mobilizadas e tiveram participação fundamental ao contribuir com o material inicial para a implementação da horta.

Resultados e aprendizados

Ao acompanhar o plantio, a rega e o desenvolvimento das hortaliças, os(as) estudantes puderam compreender, na prática, aspectos relacionados ao ciclo de vida das plantas, ao uso responsável da água e aos cuidados necessários para o cultivo. O projeto também fortaleceu reflexões sobre reciclagem, reutilização de materiais e impactos ambientais, sempre articuladas às atividades desenvolvidas na horta. Durante as discussões, os(as) alunos(as) passaram a relacionar os conteúdos desenvolvidos na escola com situações vivenciadas em seu cotidiano, compartilhando exemplos de ações praticadas em casa, como a separação de resíduos e o início de pequenas hortas domésticas. As atividades desenvolvidas, incluindo desenhos e peças teatrais, ampliaram o interesse pelo cultivo de alimentos e pela alimentação saudável, incentivando as crianças a levarem esses aprendizados para o ambiente familiar.

Velas que iluminam

📍 Macaíba (RN)

Escola: Escola Municipal Santa Luzia de Cajazeiras

Proponente: Erinaldo Bezerra da Silva

Etapa de ensino: Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Anos Iniciais do Ensino Fundamental

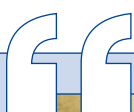
Número de estudantes envolvidos: 60

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:

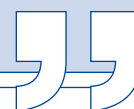


Conheça mais sobre o projeto aqui



O protagonismo dos(as) estudantes da EJA fortaleceu a autoestima, o pertencimento e a autonomia.

—
Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.



A iniciativa

Desenvolvido com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o projeto surgiu da necessidade de tornar a aprendizagem mais significativa e conectada às suas realidades, muitos deles(as) trabalhadores(as) com trajetórias escolares interrompidas. A proposta foi construída a partir de rodas de conversa sobre sustentabilidade, consumo consciente, descarte de materiais e possibilidades de geração de renda. Ao longo de cerca de dois meses, os(as) alunos(as)

participaram de estudos orientados, pesquisas e oficinas práticas de produção de velas ecológicas com materiais alternativos à parafina, como a cera de coco. Também foram realizados testes de aromas, formatos e acabamentos, além de registros das etapas do processo e apresentações da iniciativa em eventos.

Critérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

O principal destaque da experiência foi a integração entre educação ambiental, empreendedorismo sustentável e valorização dos saberes do território. O projeto articulou teoria e prática em torno de um problema concreto: os impactos ambientais da parafina e de seu consumo excessivo. A iniciativa valorizou conhecimentos trazidos pelos(as) próprios(as) estudantes, especialmente o uso tradicional da casca de juazeiro, fortalecendo a identidade cultural e o reconhecimento dos saberes locais como parte do processo educativo. Outro aspecto relevante foi o protagonismo dos(as) alunos(as), que contribuíram desde o planejamento até a apresentação pública dos resultados. Ao relacionar sustentabilidade, criatividade e possibilidades concretas de geração de renda, a proposta aproximou os conteúdos escolares do cotidiano e das demandas dos(as) participantes. Além disso, demonstrou que recursos acessíveis podem dar origem a experiências educativas significativas, capazes de mobilizar interesse, participação e engajamento coletivo.

Resultados e aprendizados

O projeto fortaleceu o vínculo dos(as) estudantes com a escola, ampliou a autoestima e gerou maior engajamento nas atividades da EJA. Os(as) participantes passaram a compreender de forma prática a relação entre consumo, resíduos, sustentabilidade e mudanças climáticas, desenvolvendo atitudes mais conscientes em relação ao meio ambiente. Outro resultado importante foi a visibilidade alcançada pela iniciativa por meio da participação no Escalada Sebrae, plataforma nacional de formação voltada ao desenvolvimento de competências empreendedoras, protagonismo e inovação social. O estudante Antônio Emídio da Silva, de 63 anos, inscreveu seu projeto como resultado da iniciativa Velas que iluminam e foi selecionado entre os 20 melhores participantes do país. Após participar do Hackathon nacional promovido pelo Sebrae, que reuniu desafios colaborativos, atividades práticas e provas online, ele conquistou o 1º lugar nacional. O reconhecimento trouxe orgulho para os(as) colegas, para a escola e para a comunidade, evidenciando o potencial transformador da Educação de Jovens e Adultos, e mostrando que a valorização dos saberes dos(das) estudantes pode gerar inovação e impacto social.

Solo forte, mãe segura

Natal (RN)

Escola: Escola Estadual Professor Severino Bezerra De Melo

Proponente: Maria Naíre de Santana Melo

Etapa de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 30

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representante do corpo docente

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



A realidade local despertou a necessidade de discutir com os(as) estudantes a importância do solo como elemento essencial para a sustentação da vida, da moradia e da segurança da comunidade.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

Inspirada pelos estudos realizados no curso de Educação Baseada na Natureza, a iniciativa transformou o território do bairro Mãe Luíza, em Natal (RN), marcado por fortes contrastes entre a beleza da paisagem e os desafios impostos pela ocupação urbana, em espaço de aprendizagem. A proposta buscou aproximar os(as) estudantes das questões vivenciadas na própria comunidade, especialmente aquelas relacionadas às condições do solo, aos episódios

de desmoronamento de terra e aos riscos ambientais. O projeto promoveu reflexões sobre preservação ambiental, erosão, drenagem, cobertura vegetal e prevenção de riscos. A partir de rodas de conversa e observações do entorno, surgiu uma proposta coletiva de reaproveitamento de resíduos orgânicos por meio da compostagem, que teve pesquisa e solução construídas pelos(as) alunos(as).

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

Com o projeto, o bairro Mãe Luíza deixou de ser apenas cenário e passou a ser território de investigação e cidadania ambiental. A iniciativa envolveu os(as) adolescentes na identificação de problemas, na construção de propostas e na socialização de soluções para desafios ambientais presentes em sua realidade. Outro aspecto relevante foi a articulação entre conhecimento científico e saberes comunitários. Por meio de entrevistas com moradores(as) e familiares, os(as) estudantes tiveram contato com relatos sobre desmoronamentos, mudanças no território e estratégias de enfrentamento adotadas pela comunidade ao longo do tempo. A iniciativa também se destacou por promover caminhadas de observação em áreas afetadas pela erosão e pelos desmoronamentos, permitindo uma compreensão mais concreta das relações entre solo, vegetação, drenagem e ocupação urbana. Como resultado desse processo, os(as) alunos(as) construíram uma proposta de reaproveitamento de resíduos orgânicos por meio da compostagem.

Resultados e aprendizados

As observações no território, as entrevistas com moradores(as) e os estudos realizados permitiram compreender como a retirada da vegetação, a impermeabilização do solo e o descarte inadequado de resíduos podem agravar processos de erosão, alagamentos e riscos socioambientais. A iniciativa contribuiu para fortalecer a consciência ambiental e a capacidade de análise crítica dos problemas presentes no cotidiano. Os(as) estudantes também participaram de uma oficina prática na qual aprenderam sobre separação de resíduos, decomposição da matéria orgânica e produção de adubo natural. Um momento especialmente significativo foi a Conferência pelo Meio Ambiente realizada na escola, em que os(as) estudantes puderam expor suas percepções sobre a realidade do bairro Mãe Luíza.



PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

Salvador (BA)

Em Salvador, foram inscritas 28 iniciativas, sendo 23 da Educação Infantil, 04 dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e 01 dos Anos Finais. Os temas predominantes foram mudanças climáticas (89,3%), água (78,6%), gestão de resíduos (57,1%) e eficiência energética (7,1%). As iniciativas inscritas revelam uma rede de educadores(as) comprometidos(as) em reconhecer o território como espaço privilegiado de aprendizagem. Praias, quintais, hortas, parques, ilhas, comunidades tradicionais e o patrimônio natural e cultural da cidade tornam-se contextos vivos para investigar a realidade, fortalecer vínculos de pertencimento, valorizar saberes ancestrais e estimular diversas experiências e o protagonismo de crianças e adolescentes. As iniciativas premiadas, reunidas nesta publicação, expressam a diversidade de caminhos possíveis para uma Educação Baseada na Natureza a partir do chão de Salvador.

Educação integral em movimento: o parque naturalizado

Salvador (BA)

Escola: CMEI Baronesa de Sauípe

Proponente: Micaela Balsamo de Mello

Etapa de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 187

Temas trabalhados: Mudanças climáticas e Educação Baseada na Natureza

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

Conheça mais sobre o projeto aqui



Foi simplesmente muito lindo! Pude ver como as crianças estão se desenvolvendo, formando suas próprias opiniões. Vi muito pertencimento. Foi um trabalho com muita identidade.

Dilma Azevedo
Avó do aluno Victor Hugo.

A iniciativa

O projeto nasceu da necessidade de recuperar áreas verdes da unidade educacional que haviam sido cimentadas. Com o envolvimento da comunidade escolar, das crianças, de suas famílias e com apoio do governo local, por meio do Núcleo de Primeira Infância, da SECIS (Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Resiliência, Bem-estar e Proteção Animal) e da SMED (Secretaria

Municipal da Educação), o que antes era um pátio quente e pouco acolhedor foi ressignificado e transformado em um ambiente dinâmico, propício para brincadeiras e aprendizagens. A partir da incorporação de elementos naturais, o espaço passou a promover experiências sensoriais, corporais e de convivência alinhadas à Educação Baseada na Natureza, fortalecendo a consciência ambiental, os vínculos comunitários e o desenvolvimento integral das crianças.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

Um dos grandes diferenciais da iniciativa foi colocar as crianças no centro da construção do Parque Naturalizado. Por meio de rodas de conversa, desenhos e narrativas, elas ajudaram a imaginar e organizar os espaços, fortalecendo o protagonismo infantil e o sentimento de pertencimento. Troncos, pedras, terra, água e vegetação local passaram a fazer parte das experiências corporais, sensoriais e criativas das crianças e foram integradas ao cotidiano pedagógico. A mobilização das famílias, por meio de reuniões, escutas e trocas de memórias afetivas, também foi decisiva para criar um ambiente mais acolhedor e fortalecer o senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. Inspirada pela memória histórica do próprio CMEI e pela paisagem da Ribeira, a proposta conectou cultura local, inclusão, sustentabilidade e desemparedamento da infância, consolidando o parque como um laboratório vivo de aprendizagem, convivência e potencial replicável.

Resultados e aprendizados

A experiência revelou forte apoio das famílias: 97% aprovaram o projeto, e 91% perceberam melhorias no desenvolvimento das crianças. Antes cimentado, o excesso de calor fazia com que as meninas e os meninos abandonassem o pátio e permanecessem em salas fechadas. Após a implantação do parque, esse quadro se reverteu. Eles(as) passaram a ocupar o espaço de forma mais ativa e autônoma, estimulando a imaginação, a convivência, as habilidades motoras e o contato com a natureza. A iniciativa mostra que soluções coletivas, mesmo em espaços reduzidos, enriquecem a experiência do ambiente educacional e servem de inspiração para outras unidades repensarem seus espaços a partir de uma lógica sustentável e participativa.

Gota de futuro: a jornada da água e do verde

Salvador (BA)

Escola: Escola Municipal Sociedade Fraternal

Proponente: Elenilda Moreira de Sá Costa

Etapa de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Número de estudantes envolvidos: 376

Temas trabalhados: Água; Gestão de Resíduos; Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente e gestão escolar

Conheça mais sobre o projeto aqui



Se a gente fica sem aula porque não tem água na caixa, por que a água que cai no pátio quando chove vai toda para o ralo?

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto nasceu como resposta a um problema crônico vivido pela escola: as interrupções frequentes no abastecimento de água, que tornaram a unidade dependente de caminhões-pipa, até duas vezes por semana, e que chegaram a suspender as aulas por falta de condições bási-

cas de higiene. Diante do desafio, a escola criou uma iniciativa que articula captação de água da chuva, horta hidropônica, viveiro de mudas, reuso de resíduos e regeneração de espaços verdes, integrando diferentes áreas do conhecimento. Assim, pátios, jardins e entorno escolar foram transformados em espaços de investigação, experimentação e convivência, favorecendo o fortalecimento dos vínculos entre a escola, a comunidade e o ambiente.

Crítérios em destaque:



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território



Educação acolhedora, equitativa e criativa

Destaques da experiência

A iniciativa surgiu das reflexões das crianças sobre a escassez de água e seus impactos no cotidiano escolar. A partir daí, as meninas e os meninos passaram a atuar como investigadores(as) do território, mapeando oportunidades para captação de água da chuva e participando da construção de algumas soluções relacionadas ao uso consciente de água. A hidroponia com garrafas PET, o viveiro de mudas, o “Diário da Planta” e o monitoramento dos reservatórios transformaram o aprendizado em experiência concreta, com abordagem interdisciplinar – Ciências, Matemática, Língua Portuguesa, Educação Física e Arte – em torno da água e do clima. O projeto também fortaleceu a participação das famílias, que colaboraram em mutirões, campanhas de arrecadação de materiais recicláveis, oficinas e ações de cuidado com os espaços verdes, além de valorizar saberes do território, promovendo o diálogo entre conhecimento científico e experiências da comunidade. O contato diário com a água, a terra e as plantas tornou o desemparelhamento parte do processo educativo.

Resultados e aprendizados

Ao longo do percurso, o projeto ampliou e fortaleceu o entendimento das crianças sobre os ciclos da água, a importância das áreas verdes e a relação entre clima, território e qualidade de vida. Eles(as) puderam perceber a água não apenas como um recurso que chega à escola por caminhão-pipa, mas como parte de um ciclo que pode ser compreendido, monitorado e cuidado coletivamente. Quando o nível do reservatório baixava, eram os(as) próprios(as) estudantes que propunham em assembleia o racionamento ou a priorização da irrigação, um exercício de autonomia e responsabilidade. A iniciativa também expandiu a alfabetização científica e ambiental dos(as) alunos(as), que se engajaram junto à escola na defesa do Projeto de Lei “Escola Verde”, mostrando que a educação pode influenciar políticas públicas.

Criança e natureza: promovendo uma infância amiga do planeta

Salvador (BA)

Escola: CMEI Iacy Vaz Fagundes

Proponente: Verônica de Souza Santana

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 120

Temas trabalhados: Gestão de Resíduos e Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as):

representantes da equipe docente e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



O projeto, em essência, quer garantir que as crianças de Salvador tenham o direito a uma infância plena, com os pés na terra, as mãos explorando e a imaginação voando livre, formando cidadãos(ãs) mais conscientes, criativos(as) e conectados(as) com a vida em todas as suas formas.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

A vontade de aproximar a infância da natureza fez surgir o projeto, cujo objetivo central foi transformar uma grande área verde da unidade educacional em parte viva do currículo, rompendo com a lógica de manter as crianças em sala de aula. Com 120 meninas e meninos, a estratégia adotada foi fomentar experiências diárias ao ar livre, usando a natureza como espaço de aprendizagem. Eles(as) também participaram ativamente na implantação de uma horta na

unidade, fruto de uma parceria com a SECIS (Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-estar e Proteção Animal), através do Programa Municipal de Hortas e Pomares. A iniciativa se desenvolve em duas etapas: em 2025, o foco foi o desemparedamento; em 2026, as ações se voltam para a gestão de resíduos, coleta seletiva e parcerias com a comunidade.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Educação acolhedora, equitativa e criativa

Destaques da experiência

A área verde do CMEI virou um laboratório onde meninas e meninos observam, exploram, sentem, criam vínculos e aprendem em contato com o meio ambiente. A educação climática foi outro ponto de destaque. A unidade realizou um encontro com as famílias para conversar sobre os impactos da mudança climática para o território, tratando dos problemas relacionados à comunidade do Ogunjá. E, ao aproximar as crianças da natureza, ajuda-as a compreender, de forma prática e sensível, os desafios ambientais do local onde vivem. Para 2026, o projeto prevê parceria com a Defesa Civil (Codesal) para promover ações de orientação às famílias sobre os riscos de alagamentos e deslizamentos de encostas na região, além de estratégias de prevenção frente aos impactos das mudanças climáticas.

Resultados e aprendizados

A área externa do CMEI passou a ocupar um lugar central na rotina da unidade, especialmente para as crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), TOD (Transtorno Opositivo Desafiador) e/ou TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), sobretudo com níveis de suporte 2 e 3. Para essas, o brincar fora da sala foi integrado como oportunidade de interação com os(as) colegas. Outro aprendizado foi perceber como a educação ambiental pode ganhar mais sentido quando se conecta aos desafios do território. O desemparedamento também proporcionou formação para os(as) educadores(as) sobre Educação Baseada na Natureza, implantação de coleta seletiva, criação de uma horta, metas para redução/substituição de papel e outros recursos industrializados, além de conversas com a comunidade sobre as questões climática que afetam a região.

Quem sou eu brincando no chão de Salvador?

Salvador (BA)

Escola: Creche e Pré-escola Primeiro Passo
Parque São Cristóvão

Proponente: Luciana dos Santos Villas
Boas

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 85

Tema trabalhado: Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as):
representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação.

Conheça mais sobre o projeto aqui



A água aqui é diferente, ela conversa com o pé da gente.

Fala de uma das crianças durante visita à Lagoa de Abaeté.

A iniciativa

A proposta nasceu como resposta a um diagnóstico do contexto escolar no qual foi apontado que crianças apresentavam irritabilidade, pouca concentração e baixo vínculo com a unidade educacional, e quase nenhuma experiência com a natureza. A solução foi ampliar os espaços de aprendizagem para além das salas. Com a oportunidade de explorar outros ambientes, a curio-

sidade das meninas e dos meninos dos grupos 3 e 4 se transformou em uma investigação sobre a natureza. O local escolhido para iniciar o projeto foi o próprio estacionamento, um espaço cercado por área verde com presença de fauna e flora, que possibilitou também a observação do céu e do entorno. Um levantamento coletivo revelou que as borboletas eram o elemento de maior interesse e, em votação, as crianças a escolheram como tema central da investigação. Somou-se a essa pesquisa a construção de uma horta na unidade e saídas pedagógicas ao Parque das Dunas e à Lagoa do Abaeté.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

O projeto se destaca pela escuta ativa. Durante todo o percurso, as perguntas das crianças (“Como a borboleta dorme?”, “Ela faz xixi?”, “Como se transforma em casulo?”) foram acolhidas como motor da investigação e ajudaram a manter o engajamento com a proposta e sua constante construção. A descoberta de uma lagarta viva na unidade intensificou ainda mais o interesse do grupo, permitindo que o ciclo da borboleta fosse acompanhado de forma concreta pelas meninas e meninos. A iniciativa favoreceu a educação climática ao promover a compreensão, desde a infância, das relações entre os seres vivos, os ciclos da natureza e as condições ambientais indispensáveis à vida. As visitas pedagógicas ao Parque das Dunas e à Lagoa do Abaeté ampliaram esse repertório ao possibilitar que muitas crianças conhecessem pela primeira vez outros espaços naturais de Salvador. O que ajudou a fortalecer vínculos afetivos com a cidade, a natureza e o próprio território.

Resultados e aprendizados

O Borboletário do Parque São Cristóvão é a expressão concreta de um percurso que uniu ciência, arte e sustentabilidade ao reunir produções artísticas criadas com materiais reutilizáveis enviados pelas famílias e elementos naturais coletados pelas próprias crianças do grupo 4. A produção da música “Quem sou eu brincando no chão de Salvador”, apresentada pela turma do grupo 3 no encerramento do projeto, sintetizou a experiência ao falar de identidade, território e pertencimento. A iniciativa também mostrou que, quando há incentivo, escuta sensível, curiosidade e um olhar pedagógico atento para o que as crianças têm a dizer, até mesmo um estacionamento pode se integrar à Educação Baseada na Natureza, transformando-se em um local de descobertas.

Tempo, tempo, tempo: histórias que nos formam, ciclos que nos transformam!

Salvador (BA)

Escola: CMEI União Boca do Rio

Proponente: Amanda Conceição Reis

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-Escola)

Número de estudantes envolvidos: 225

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos e Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Não tem como trabalhar de outra forma para uma educação étnico-racial senão pela positividade das personalidades negras do território e do lugar onde vivemos.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto nasceu da escuta das crianças e de seu crescente distanciamento da natureza e das referências culturais do território onde vivem. Um dos momentos mais emblemáticos da iniciativa foi a decisão coletiva de transformar um pátio excessivamente cimentado, removendo parte do concreto para devolver às crianças o contato com a terra, a vegetação e a sombra. Mais do

que uma intervenção física, a ação representou um compromisso com a justiça socioambiental, o brincar ao ar livre e a reconexão com a natureza. A experiência deu tão certo que se tornou referência em Salvador, contribuindo para a criação de uma agenda pública de naturalização de pátios escolares. Aliado a isso, o projeto articulou práticas pedagógicas, saídas exploratórias pelo território da Boca do Rio e rodas de conversa, promovendo a valorização da cultura local e da identidade das crianças.

Critérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

O projeto se destaca por unir três movimentos importantes: trazer mais natureza para dentro da unidade educacional, fortalecer os vínculos das crianças com o território e valorizar os saberes e as origens dos habitantes da comunidade. O pátio ganhou mais terra, plantas e espaços de exploração, transformando áreas antes cimentadas em ambientes mais naturais para brincar, investigar e aprender, respondendo a uma reclamação constante de excesso de calor no pátio de concreto. As meninas e os meninos também tiveram mais interação com a região em que vivem, com a realização de expedições. Rodas de conversa com mestres(as) e griôs aproximaram a turma das práticas culturais, dos saberes ancestrais e das memórias da comunidade. Inspirado no livro “Calu: uma Menina Cheia de Histórias”, das autoras Cássia Valle e Luciana Palmeira, a iniciativa também fortaleceu a representatividade das crianças negras (que são maioria na unidade), mostrando que suas histórias, vivências e territórios merecem ser valorizados.

Resultados e aprendizados

Os resultados foram percebidos tanto dentro como fora da unidade educacional. A naturalização do pátio, com a retirada de áreas cimentadas e a reintrodução de elementos naturais, ampliou as oportunidades de brincar, conviver e aprender ao ar livre. A experiência também valorizou saberes comunitários, práticas culturais e a relação com o rio que dá nome ao bairro, evidenciando que a escuta das crianças e a participação da comunidade podem gerar transformações concretas e duradouras. A implementação da iniciativa também deve gerar novos frutos ao inspirar uma agenda pública mais ampla, que tem como meta a implantação de 100 pátios naturalizados nos próximos três anos.

Guardiões mirins do clima: pequenos protetores do meio ambiente

Salvador (BA)

Escola: Creche e Pré-escola Primeiro Passo Tubarão

Proponente: Bárbara Conceição Oliveira Pinto Nolasco

Etapa de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-Escola)

Número de estudantes envolvidos: 240

Temas trabalhados: Água; Eficiência Energética; Gestão de Resíduos; Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestores(as) escolares e outros(as) profissionais da educação.

Conheça mais sobre o projeto aqui



O território foi compreendido como espaço educativo central, sendo explorado de forma intencional, vivencial e integrado às práticas pedagógicas, valorizando os saberes locais e a realidade das crianças.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

A Creche e Pré-escola Primeiro Passo Tubarão fica em uma região costeira de Salvador cercada pela praia de Tubarão e áreas de manguezal, paisagens que fazem parte do cotidiano das crianças. Mas junto a essa beleza convivem desafios como poluição e descarte irregular de lixo. A partir dessa realidade, a unidade construiu uma proposta que une educação ambiental e antirracista ao contato com a natureza. Ao longo do projeto, 240 meninos e meninas participaram de expedições à praia, ao manguezal, à feira, ao Zoológico, ao Museu do Mar, a praças do bairro e ao Parque da Cidade. Essas vivências culminam em eventos festivos, oficinas, desfiles, caminhadas e feiras expositivas, como a Minicop 30 em novembro de 2025, uma conferência climática criada pelas próprias crianças, que apresentaram pesquisas, propostas sustentáveis e a produção da Carta da Terra (do ponto de vista das crianças). Já em sua quinta edição, o projeto se consolida como prática permanente, com ações que se estendem ao longo de 2026.

Crítérios em destaque:



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática



Envolvimento da comunidade escolar e do território

Destaques da experiência

O grande diferencial do projeto está na forma como ele conecta educação ambiental e educação antirracista no cotidiano das crianças. Em Paripe, muitas famílias são negras, quilombolas ou descendentes de povos originários, histórias e identidades que nem sempre aparecem nos currículos da Educação Infantil. O projeto busca valorizar esses saberes, incorporando referências da cultura afro-brasileira e indígena às atividades pedagógicas. As crianças participaram de rodas com o Grupo QUIAL (Associação Cultural Quilombo Aldeia Tubarão) e com as Matriarcas de Tubarão, que trouxeram a riqueza do patrimônio imaterial dos costumes, histórias, saberes e das manifestações artísticas (samba de roda e culinária). Nos encontros ouviram histórias sobre o território e conheceram práticas tradicionais. Pescadores(as), marisqueiras(os) e moradores(as) compartilharam saberes sobre a pesca e o manguezal, enquanto famílias acompanharam saídas de campo e contribuíram com materiais e mudas de plantas nativas.

Resultados e aprendizados

Ao longo dos anos, o projeto Guardiões Mirins do Clima consolidou uma forma de trabalhar educação ambiental na infância, aproximando o território da cultura local com a experiência prática. As crianças participaram de hortas, compostagem, coleta seletiva, expedições e produções artísticas feitas com materiais reutilizados. A iniciativa incluiu ainda o subtema TOQUE, que trabalhou os cinco sentidos com elementos naturais (água, argila, areia e sementes), favorecendo a participação de todas as crianças, incluindo aquelas com deficiência. As meninas e os meninos, que antes naturalizavam o lixo na praia e no entorno, passaram a questionar essas situações, propor soluções e demonstrar cuidado ativo com o território, uma mudança de olhar que se estendeu às famílias.

Educação é natureza: conhecer para ser, viver e agir melhor!

Salvador (BA)

Escola: CMEI Álvaro da Franca Rocha

Proponente: Anisia Laura Silva Rocha

Etapas de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 220

Temas trabalhados: Água; Gestão de Resíduos; Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



Enquanto tivermos fôlego para defender uma educação de qualidade, com equidade e que respeite a natureza, o lema da bandeira é: Educação é natureza – conhecer para ser, viver e agir melhor!

—
Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

A iniciativa

O projeto nasceu da necessidade da comunidade do CMEI de resistir a duas reformas, que tinham como objetivo cimentar o seu pomar ancestral. A instituição fica no bairro do Cabula, em Salvador, território do quilombo do Kabula e inserido em uma área de Mata Atlântica. A unidade educacional sempre utilizou seus espaços verdes (o pomar com cajazeiras, dendezeiros,

cajueiro, goiabeiras e uma mangueira centenária) como ambientes de aprendizagem. Em 2021, uma proposta de cimentar toda a área verde ameaçou esse patrimônio e, em 2024, um outro projeto visava a construção de salas tradicionais no quintal. Para resistir às obras, nasceu a iniciativa Educação é natureza, resposta coletiva que transformou o ato de defender as árvores em prática pedagógica consistente, criando espaços educativos ao ar livre, onde 220 crianças aprendem, brincam e se conectam com a natureza e a história do lugar.

Crítérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Abordagens decoloniais e articulação com o território



Criatividade e potencial de inspiração

Destaques da experiência

O projeto reorganizou a rotina pedagógica em torno dos espaços externos: embaixo da mangueira centenária acontecem rodas de leitura; na “Sala das Areias”, as crianças pintam com argila e escrevem na terra; na horta (implantada em parceria com Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Resiliência de Salvador), acompanham o ciclo completo de cultivo dos alimentos, desde a sementeira até a colheita. A escuta ativa das meninas e dos meninos é parte estrutural do processo, no qual os desejos e sugestões são registrados e avaliados em assembleias. Foi assim, a partir da proposta de um(a) integrante do Grupo 5, que surgiu a “Estação de Cavação”, que transformou parte do quintal em um espaço dedicado à exploração e manipulação da terra. A iniciativa também conecta gerações no “Túnel do Tempo”, onde pessoas mais velhas das famílias são convidadas para bate-papos para contar às crianças como brincavam na infância.

Resultados e aprendizados

O projeto consolidou uma prática pedagógica baseada no contato cotidiano com a natureza, fortalecendo o pertencimento das crianças em relação ao território e ampliando experiências sensoriais, corporais e coletivas na Educação Infantil. A iniciativa também evidenciou a força da mobilização comunitária na defesa dos espaços verdes da unidade educacional, transformando a preservação do pomar e das áreas naturais em um movimento de resistência coletiva. Outro aprendizado importante foi perceber que a escuta ativa das crianças, das famílias e da comunidade pode transformar desejos, memórias e modos de viver em experiências concretas de aprendizagem.

Horta: o quintal dos sentidos

Salvador (BA)

Escola: Escola Municipal de Santana

Proponente: Sonia Silveria de Seixas

Etapa de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 45

Temas trabalhados: Água, Gestão de Resíduos, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)

“



“A horta está linda!”, exclamou Mikaele. Esther reconheceu imediatamente a origem do material usado, afirmando com orgulho: “As conchas são daqui da ilha!”

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.

”

A iniciativa

O projeto surgiu do desafio enfrentado pela unidade educacional de conviver com a ausência de espaços destinados a parque, refeitório e áreas de recreação livre. Diante dessa limitação, a saída foi expandir o território educativo. A solução veio da parceria com a Colônia de Pescadores da Ilha de Maré, que cedeu seu quintal para se tornar um espaço pedagógico. Lá, as crianças passaram a plantar couve, pimenta, cenoura, milho, mandioca, batata, tomate-cereja, trigo e flores. Para a implantação foram usados vasos de garrafas PET, caixotes da merenda e conchas

do mar trazidas pelas famílias. A iniciativa também possibilitou ampliar a atuação para praças, praias e o entorno da comunidade, marcada pela pesca artesanal e pela mariscagem, como parte constitutiva do processo educativo.

Critérios em destaque:



Brincar e aprender com e na natureza



Envolvimento da comunidade escolar e do território



Escuta ativa, participação e protagonismo estudantil

Destaques da experiência

O projeto se destacou pela busca de uma solução criativa e ousada para contornar as limitações do espaço físico da unidade, evidenciando o compromisso da equipe em garantir oportunidades de contato das crianças com a natureza. A iniciativa revela engajamento, intencionalidade pedagógica e capacidade de transformar desafios em possibilidades educativas. Outro aspecto central foi o reaproveitamento de materiais para a implantação da horta, estratégia que proporcionou aos meninos e às meninas experiências concretas sobre o uso consciente dos recursos locais. As conchas de peguari, por exemplo, foram usadas como barreira contra pragas. O plantio de pimenta e mandioca resgatou ingredientes da culinária local, e as manivas de mandioca foram doadas por um morador que também ensinou a técnica de plantio. Sistemas de irrigação por capilaridade e gotejamento enfatizaram sobre o uso consciente da água. E para fechar o ciclo, a colheita chegou à alimentação escolar: a merendeira usou a couve na farofa, e as crianças produziram suco de couve, cenoura e laranja.

Resultados e aprendizados

Além da ampliação do território escolar, o projeto gerou resultados concretos também na ampliação da autonomia, da escuta e da consciência ambiental das crianças, que passaram a compreender melhor o tempo da natureza ao acompanhar o crescimento lento das sementes, percebendo que o ciclo envolve plantar, regar, esperar e colher. Também desenvolveram habilidades motoras ao plantar sementes, controlando o peso da água nos regadores e a delicadeza necessária no trato com as plantas. A colheita de 2026 celebrou o cultivo feito pelo grupo, que pôde aproveitar o resultado do seu esforço, especialmente ao ver que a produção passou a integrar a alimentação escolar.

Mini COP 30

Salvador (BA)

Escola: Escola Municipal Dom Eugenio de Araujo Sales

Proponente: Cristiane Araujo dos Santos

Etapa de ensino: Educação Infantil (Creche e Pré-escola)

Número de estudantes envolvidos: 180

Temas trabalhados: Água, Eficiência Energética, Mudanças Climáticas

ODS:



Outros(as) profissionais envolvidos(as): representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação

[Conheça mais sobre o projeto aqui](#)



O contato direto com o ambiente externo fortaleceu vínculos afetivos com a natureza e contribuiu para a formação de atitudes mais conscientes.

Trecho extraído da ficha de inscrição da ação pedagógica.



A iniciativa

O projeto foi desenvolvido com crianças da Educação Infantil como forma de promover experiências de educação climática e ambiental a partir do cotidiano e da realidade da comunidade escolar. Com inspiração nos debates da COP 30, realizada em novembro de 2025 no Brasil, foram desenvolvidos temas como água, preservação ambiental e energias renováveis, incentivando as meninas e os meninos a participarem de reflexões, diálogos e ações voltadas ao cuidado com

a natureza. A iniciativa envolveu também famílias e comunidade em ações coletivas, como arrecadação de materiais recicláveis, construção de maquetes, Desfile da Primavera e a exposição Mini COP 30, fortalecendo os vínculos entre unidade educacional, território e meio ambiente.

Crítérios em destaque:



Educação acolhedora, equitativa e criativa



Envolvimento da comunidade escolar e do território



Contribuição para o enfrentamento da crise climática

Destaques da experiência

A experiência se destacou pela forma como aproximou crianças pequenas das discussões sobre mudanças climáticas, preservação ambiental e uso consciente da água por meio de práticas concretas. As ações envolveram rodas de conversa, observação do espaço verde da escola, exploração de elementos da natureza, vivências sensoriais, plantio do feijão e construção de maquetes sobre energias renováveis, queimadas, desmatamento e preservação dos mares, além da produção de brinquedos e instrumentos com materiais recicláveis. Um dos aspectos mais significativos foi a participação efetivas das meninas e dos meninos, que compartilharam ideias, dúvidas e descobertas durante todo o processo. Também teve destaque o envolvimento das famílias e da comunidade escolar na arrecadação de materiais para a exposição Mini COP 30, na qual as crianças apresentaram maquetes, pesquisas e produções sobre temas ambientais, e para o Desfile da Primavera, com o tema “Colorindo o mundo com amor e sustentabilidade”, que levou às ruas turmas caracterizadas como árvores, planetas, placas solares e cata-ventos.

Resultados e aprendizados

Os resultados da Mini COP 30 foram percebidos principalmente nas mudanças de comportamento das 180 crianças em relação ao cuidado com a natureza e ao uso consciente da água. Durante o desenvolvimento das ações, os(as) pequenos(as) passaram a evitar o desperdício, atentando-se a não deixar torneiras abertas e compreendendo a importância desse ato diante da realidade vivida pela escola e pela comunidade em razão da escassez de água. Também passaram a demonstrar mais cuidado com plantas, flores, insetos e pequenos animais, observando sem machucá-los, e incentivando os(as) colegas a fazerem o mesmo. As experiências práticas, como o plantio do feijão, as explorações no pátio, as vivências sensoriais e a construção das maquetes da Mini COP 30, fortaleceram a curiosidade, a observação e a participação ativa das crianças. O processo também ampliou o diálogo entre escola, famílias e comunidade em torno da preservação ambiental, fortalecendo os vínculos com o território e dando continuidade às ações pedagógicas previstas para 2026, com a proposta “Eu, meu lugar e meu mundo”, voltada para identidade, pertencimento territorial e contato com a natureza.

Resultados e aprendizados

As experiências compartilhadas nesta publicação confirmam a viabilidade do desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovem o brincar e o aprender em contato direto com a natureza, dando a bebês, crianças e adolescentes a oportunidade de desenvolverem a criatividade. As iniciativas ampliam a capacidade exploratória das meninas e dos meninos e fortalecem seus vínculos com o ambiente e com a comunidade, condição essencial para que sejam protagonistas no cuidado e na proteção do planeta.

Para aprofundar e expandir o repertório da comunidade escolar sobre como incluir mais natureza nas escolas de forma integrada aos currículos, espaços e práticas pedagógicas, o projeto *#EntreNoClima: Educação Baseada na Natureza* viabilizou o acesso de professores(as), gestores(as) escolares e gestores(as) de secretarias a ações de mobilização e conteúdos formativos, por meio de jornadas pedagógicas e cursos autoinstrucionais.

Se destacam como estratégias inspiradoras: fazer com intenção; promover a escuta e o protagonismo de bebês, crianças e adolescentes; adaptar espaços; conectar ação a problemáticas do cotidiano; explorar diferentes áreas do conhecimento e o uso de novas tecnologias; valorizar os ativos e os saberes locais; ampliar parcerias; e mobilizar as comunidades.

As 149 iniciativas avaliadas a partir do edital, chamamento realizado entre março e maio de 2026, evidenciaram o comprometimento, a diversidade e o potencial das escolas públicas brasileiras na construção de respostas aos desafios impostos pela crise climática. As experiências comprovam que até mesmo um pequeno espaço verde na escola pode ser transformado em uma área de contato dos(as) estudantes com a natureza e gerar muitos aprendizados. E, em outros casos, também mostrou que práticas desenvolvidas a partir do espaço escolar são capazes de gerar soluções que impactam positivamente a vida de milhares de pessoas e de influenciar políticas públicas.

A Educação Infantil foi a etapa com o maior número de projetos inscritos, de finalistas e de premiados. Entre as 36 práticas pedagógicas finalistas, 15 foram desenvolvidas junto a meninos e meninas de até 5 anos, representando 41% do conjunto de experiências de destaque. No que diz respeito à localização das escolas, 79% dos 149 projetos analisados foram implementados por unidades situadas em zonas urbanas.

Os critérios de avaliação adotados no edital foram construídos a partir dos pressupostos da Educação Baseada na Natureza, sendo dois itens de caráter eliminatório e outros oito classifi-

catórios. Na análise final, os critérios ligados à “*articulação pedagógica*” e; “*natureza e enfrentamento da crise climática*” concentraram as maiores notas, enquanto “*abordagens decoloniais e contra-coloniais*” e “*articulação com o território*” foram os mais desafiadores para todas as localidades. Esse cenário evidencia uma oportunidade para investimentos e fortalecimento de práticas que valorizem os saberes locais, os biomas e as culturas tradicionais.

Quase dois terços das propostas (63,1%) não apontaram um direcionamento a um público específico. Já entre as práticas que indicaram grupos prioritários, “Pessoas com Deficiência” é o mais recorrente, sendo mencionado em 42 projetos (28,2%), seguido de comunidades dos campos, águas e florestas (22,1%). Já Quilombolas (4,7%), Indígenas (2,0%) e Migrantes e Refugiados (0,7%) aparecem de forma significativamente menos frequente.

No conjunto dos 36 projetos finalistas fica evidente um equilíbrio na qualidade metodológica das propostas, que demonstram que a pauta climática está inserida no currículo escolar como uma ferramenta para desenvolver o protagonismo estudantil, promover aprendizagem interdisciplinar, fortalecer vínculos comunitários e resolver problemas reais.

A partir de um parecer técnico dos(as) avaliadores(as), o UNICEF e os parceiros do projeto *#EntreNoClima: Educação Baseada na Natureza* reconhecem e premiam 12 práticas pedagógicas, 3 de cada território, que se destacaram no conjunto dos critérios de avaliação, são elas:

Distrito Federal

- Na trilha do córrego: um olhar ambiental e educativo às margens do Riacho Fundo
- Gincana da sustentabilidade
- Biomonitoramento dos córregos da ARIE Granja do Ipê utilizando macroinvertebrados bentônicos

Recife (PE)

- Recife Alerta
- Raízes e descobertas: cheiro, cores e texturas do nosso quintal!
- Que horta! Cultivando saberes e semeando histórias

Rio Grande do Norte

- Pomar escolar e espaço de plantas nativas no CAIC – Abolição IV
- Mapa do lixo - Rua da Palha
- Solo forte, mãe segura

Salvador (BA)

- Tempo, tempo, tempo: histórias que nos formam, ciclos que nos transformam!
- Gota de futuro: a jornada da água e do verde
- Quem sou eu brincando no chão de Salvador?

Um aspecto relevante que pode ser notado no processo de protagonismo de cada participante é a autonomia dos grupos na definição do tema/questões problema que deram origem às iniciativas. Soma-se a isso, a valorização da diversidade e das culturas locais, a coerência pedagógica, a participação comunitária e uma boa articulação curricular. Todos esses e outros fatores caracterizam essas propostas pedagógicas como fontes reais de inspiração para a implementação de estratégias que integrem natureza e educação climática no cotidiano das escolas.

#ENTRE NO CLIMA UNICEF



Iniciativa:



Parceria institucional e de implementação:



Parceria estratégica:

